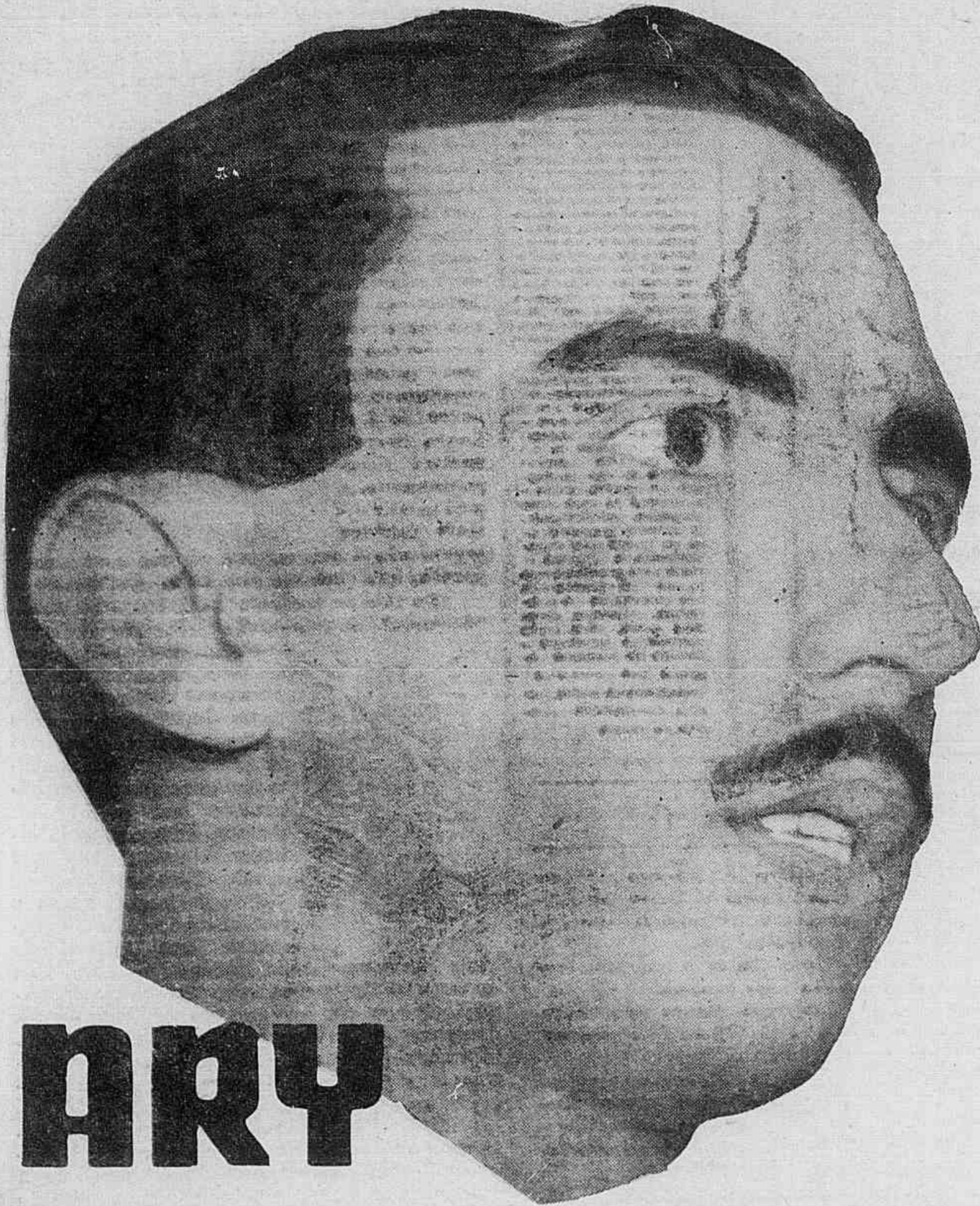
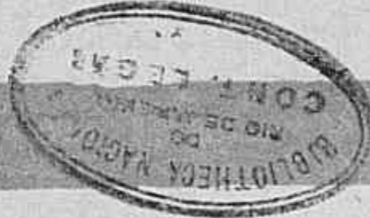


O BOTAFOGO DE 46

O GLOBO
SPORTIVO

ANO VIII N°394



ARY

AS GRANDES FIGURAS do PASSADO:

MARCOS DE MENDONÇA

**Guerra
de nervos
na aquática
sulamericana**

(nas pags. 12 e 13)

**Outras
reuniões
virão...**

(na página 15)

**A
concretização
de um sonho**

(na página 4)

**Wimbledon
reunirá em
breve o tennis
mundial**

(na página 14)

**"Test"
esportivo**

(na página 11)

**Historia
do
campeonato
brasileiro**

(na página 3)

O GLOBO SPORTIVO

O GLOBO SPORTIVO — Diretores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Gerente: — Henrique Tavares. Secretário: Ricardo Serran. Redação, administração e oficinas: rua Bethencourt da Silva, 21, 1.º andar, Rio de Janeiro. Preço do número avulso para todo o Brasil: Cr\$ 0,50. — Assinaturas: anual, Cr\$ 25,00; semestral, Cr\$ 15,00.

ARTIGOS DE ESPORTES

CASA FORTES

18, Praça Tiradentes, 18
ABERTA ATÉ 22 HORAS



ESTRELA DO BASTÃO

Phyllis Otto, estudante da Universidade de Northwest, desfez o mito de invencibilidade criada em torno de Babe Didrikson ao vencer o 45.º campeonato feminino de golfe, com um surpreendente "gole" final de 36. Essa foi a primeira derrota sofrida por Babe, desde 1938.

Phyllis dedicou-se ao golfe há dez anos. Ninguém julgava-a capaz de tal feito, como o foi a vitória sobre Babe Didrikson. Agora só lhe resta aguardar a abertura das inscrições para o campeonato feminino deste ano, para talvez, repetir seu memorável feito.

O triunfo de Miss Otto foi obtido numa luta espetacular, em que as duas grandes golfistas se enfrentaram, na segunda rodada do torneio para damas, em 1940.



CONFIDENCIALMENTE - Pontos de vista -

O presidente Hilton Santos não gosta muito de meias palavras. Nas reuniões costuma dizer o que sente e não faz segredo dos seus pontos de vista. Na questão dos juizes, por exemplo, advertiu que o Flamengo quer saber se os homens servem ou não. Se a resposta for afirmativa, acredita que não se justifica aquela cerimônia do cutelo, no dia do match. Negativa, porém, o melhor é mandar todo mundo embora e procurar novos elementos. As palavras do dirigente máximo do Flamengo causaram espanto, pois há muita gente que tem a mesma idéia, mas poucas são as pessoas que emitem tal opinião em voz alta. A maioria prefere falar em voz baixa, havendo ainda os tímidos que apenas imaginam como resolver o problema. Em geral, tratam do assunto confidencialmente. Afinal parece que o melhor para muitos é a história das impugnações, quando os dirigentes têm oportunidade de dar impressão ao quadro social e à torcida de que estão tomando providências. O recurso de apelar para os juizes que abandonaram o quadro é mais uma prova de que apesar dos pesares eles são elementos de confiança. Erraram algumas vezes, mas terão mesmo os paredros o direito de apontar enganos nos outros? Imaginem se todos fossem controlados como são os juizes.

O Campeão Inglês

Os aficionados que alimentavam a esperança de ver seu ídolo, Bruce Woodcock, campeão do Imperio Britânico, vir um dia a usar a coroa dos pesos - pesados, atualmente em poder de Joe Louis, tiveram terrível desapontamento. O primeiro e mais decisivo



argumento é que se trata de um peso meio-pesado, não obstante ser exímio pugilista.

Na vida do campeão britânico nada existe "delicado". Na vida civil, é montador de locomotivas. Desde oito anos de idade, Bruce recebeu os primeiros rudimentos da "nobre arte", tendo como professor seu pai, campeão do exército britânico. Antes dos dez anos, já acompanhava seu genitor em lutas de exibições, pelo interior do país. Ainda hoje o velho Woodcock.



Quando Bruce se tornou profissional, em 1939, encontrou certa dificuldade para encontrar local apropriado para seus exercícios. Um proprietário de Doncaster, então ofereceu-lhe um antigo estábulo de sua propriedade para esse fim. Toda a família Woodcock empregou-se a fundo, para transformar aquela area num "ring" para a revelação que nascia.

Bruce foi feliz em suas lutas profissionais. Depois de ter vencido 20 "ameaças" que encontrou em seu caminho, culminou com a conquista do campeonato dos pesos-pesados do Imperio Britânico, vencendo Jack London, em seis "rounds".

A nova diretoria do S. C. Paissandu

Para o período administrativo de 1946, a Assembléia Geral do Sport Clube Paissandu elegeu a seguinte diretoria: Presidente — Cap. Roberto Gonçalves; vice-presidente — Carlos Pinho França; 1.º secretário — Miguel Angelo Cançado; 2.º secretário — José Fernal Bicalho; 1.º tesoureiro — Geraldo De Marco; 2.º tesoureiro — Jari Alves de Carvalho; Diretor geral de esportes — Ayrton José de Araújo; Diretor Médico — Dr. Agenor Lopes Cançado. Conselho Administrativo: Dr. Emilio de Moura — Dr. Agenor Lopes Cançado — Dr. Eurico Mendes — Dr. Arnaldo de Senna — Renato Cairo — Hugo Duarte Magalhães — Salsio Diniz — Lidio Lunardi — Antonio Lunardi — Major Egídio Benício de Abru — Cap. Edmundo Montedônio Rego — Ten. Maurilio Augusto C. Fleury Jr. Comissão Fiscal: Rogério Canavaro — Ten. José Meira Junior.

O Torneio Relâmpago

A tabela oficial

Vai ser iniciado o Torneio Relâmpago de 46. Participarão do certame extra número um os mesmos concorrentes do ano passado. A tabela oficial dos jogos é a seguinte:

Março — 16: América x Vasco, campo do Fluminense (N); 17: Botafogo x São Cristóvão, campo do Flamengo; Fluminense x Flamengo, campo do Vasco; 20: Fluminense x Botafogo, campo do Vasco (N); São Cristóvão

x Vasco, campo do Flum. (N); 23: Fluminense x São Cristóvão, campo do Vasco (N); 24: América x Botafogo, campo do Vasco; Flamengo x Vasco, campo do Botafogo; 27: América x Flamengo, campo do Vasco (N); Botafogo x Vasco, campo do Fluminense (N); 30: Botafogo x Flamengo, campo do Fluminense (N); 31: América x São Cristóvão, campo do Flamengo; Fluminense x Vasco, campo do Botafogo.

Abril — 3: América x Fluminense, campo do Vasco (N); São Cristóvão x Flamengo, campo do Fluminense (N).

Onde estiver a letra (N) significa jogo noturno.

Os jogos diurnos serão iniciados às 15.30 hs., e os noturnos, às 21 horas.

A F. M. F. convocou os juizes Mario Vianna, Alzilar Costa, João Aguiar e Carlos Gomes Potengy, para dirigir os matches do Relâmpago.

O Pedinchão do Pacífico

Batendo, virtualmente, às portas do campeonato peso-médio, cuja decisão só será dada depois de uma luta com Freddie Cochrane, Jimmy MacDaniels muito gosta de lembrar seus primeiros dias no "ring".

"Ganhei enorme experiência naqueles dias, não tanta quanto ganhei nas lutas ao ar livre, que realizava nas vizinhanças de Los Angeles. Tinha eu apenas 10 anos e recebia por pagamento café ou doces. As vezes atiravam ao ar uma moeda de meio dólar.

"Meu pensamento não se afastava da idéia de que eu seria pugilista, algum dia. Quando completei 15 anos e ainda frequentava a escola já me considerava excelente pugilista amador. Jamais pensei em ser outra coisa na vida senão pugilista. A não ser o emprego que obtive numa cervejaria, assim mesmo por pouco tempo, concentrei-me absolutamente no box".

MacDaniels tornou-se profissional em 1938 e entrou num torneio denominado "Derby dos punhos", destinado a apontar a maior revelação do ano. Disputando um prêmio de 1.000 dólares, além de MacDaniels, se encontravam Manuel Ortiz e Billy Soose. MacDaniels ganhou 14 combates consecutivos, sendo proclamado pelos organizadores do certame vencedor absoluto.

MARIO FILHO

História do Campeonato Brasileiro - 1

DA PRIMEIRA FILA

1 Quando alguém tenta escrever a história do Campeonato Brasileiro de Football começa, geralmente, citando o Torneio de Seleção de 22. Antes, muito antes, a expressão campeonato brasileiro fora usada. Vamos encontrá-la já em 7, em um ofício enviado pela Liga Metropolitana de Esportes Terrestres à Liga Paulista de Football para um Campeonato Brasileiro. Campeonato Brasileiro era um título pomposo, talvez pomposo de mais, para um Rio-São Paulo. Ainda não se descobrira, porém, o football de outros Estados. Assim, a denominação não pareceu exagerada. A Liga Paulista de Football recebeu com entusiasmo a idéia. Há um ano atrás, em 6 — com a criação da Liga Metropolitana de Football — a Liga Paulista datava de 1900 — tinham sido disputados os primeiros encontros entre seleções cariocas e paulistas. Faltava, apenas, dar a tais matches um caráter mais sério. O Campeonato Brasileiro deveria inaugurar uma época. E o ofício da Liga Metropolitana — uma entidade nova — pretendia relegar todos os outros encontros, até então disputados, para um segundo plano. Acabara — eis o que se julgava — o tempo dos "picked-teams".

2 Tudo parecia ir às mil maravilhas. E quando se anunciou a dádiva da "Taça Brasil" — fora o presidente Campos Sales quem a ofereceu — não houve mais quem duvidasse do êxito do Campeonato Brasileiro. Aconteceu, porém, um imprevisto: a seleção da Liga Paulista venceu fácil a partida do Velódromo, a 25 de agosto. A 12 de outubro, os portões do Paissandú foram abertos para a revanche. E, apesar das modificações introduzidas no scratch

carioca, os paulistas triunfaram mais uma vez. O score, exibindo a diferença mínima de um goal, não serviu como consolo. Durante quase todos os oitenta minutos, os cariocas pareceram pensar só em evitar um revés semelhante ao do Velódromo. A confissão da superioridade paulista — antes não se falara em outra coisa — foi um golpe de morte na idéia do Campeonato Brasileiro. A Liga Metropolitana não voltou a tocar no assunto. Para que? Com o Campeonato Brasileiro, a Liga Metropolitana apenas conseguira dar maior significação à vitória de São Paulo. E assim a gente vê passar trêze anos antes de que, mais uma vez, se pronunciasse o nome Campeonato Brasileiro, embora todos os anos os paulistas e os cariocas disputassem uma ou mais partidas para decidir a "supremacia do football".

3 Em 20, a Confederação Brasileira organizou um torneio a que deu o título de Campeonato Brasileiro. O Fluminense acabara de levantar o tri-campeonato carioca. E todo mundo se lembrava de uma excursão que, em junho de 18, o Fluminense fizera a São Paulo. A 10, em Vila Belmiro, o Fluminense derrotara o Santos de forma esmagadora. Vinte e quatro horas depois o Fluminense vai a Vila Belmiro e enfrenta o Paulistano. Quem poderia sonhar com uma vitória do Fluminense? O Paulistano estava descansado, o Fluminense vinha de um match que, apesar do score amplo, custara esforço. Pois bem: o Fluminense, ainda assim, bate o Paulistano. O entusiasmo pelos dois triunfos fora tão grande que o Fluminense preparou uma festa no Teatro República. Coelho Netto saudou, do proscênio aberto, os jogadores, com palavras inflamadas, falando em Grecia, terminando com um hurra ao Brasil. A façanha do Fluminense parecia garantir o sucesso de um campeonato brasileiro. E a CBD convidou o Paulistano para representar São Paulo, e o Gremio Esportivo do Brasil, para representar o Rio Grande.

4 O Fluminense mandou para o campo o team tri-campeão. Não faltou ninguém: Marcos, Othello, Chico Netto, Lais, Oswaldo, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bacchi. E, mais uma vez, sucede o imprevisto. Muita gente não compreendeu a derrota do Fluminense. Como um team que há dois anos atrás derrotara o Paissandú em Vila Belmiro podia experimentar um revés tão completo? Mario de Andrade marcou dois goals Friedenreich, outro tanto, e o Fluminense teve que se contentar com um único tento de Zezé — o goal de honra. Foi em tal match que Mario de Andrade deixou cair o gorro a mais de vinte metros do goal de Marcos. O gorro servia como um aviso de que era dali que ele devia chutar. E dali Mario de Andrade marcou os dois goals. O gorro parecia, enrolado, atraído para um canto, um embrulho esquecido, como desses que a gente encontra nos bancos dos bondes ou, de longe em longe, no meio da rua. E Mario de Andrade varias vezes teve que colocá-lo no mesmo lugar. Porque Othello e Chico Netto, querendo ser amáveis, apanhavam o gorro e iam entregá-lo a Mario de Andrade: "Olhe o que você deixou cair no campo".

5 A explicação do fracasso do Fluminense era simples. Não há nada que envelheça mais um team do que um campeonato. E o Fluminense, depois de conquistar três títulos consecutivos, estava decrépito. Vencer, vencer sempre, também cansa. Marcos de Mendonça, por exemplo, anunciara: "Eu encerrei a minha carreira em 19". O Fluminense reunira o team mais uma vez com dificuldade. E, depois de reuni-lo mais uma vez, não escondeu o arrependimento. A derrota do Paulistano era um aviso bastante claro: o Fluminense não podia contar mais com o team de 17, de 18 e de 19. Teria que formar outro para voltar a aspirar a campeonatos. Em 20, porém, não houve quem atinasse com a causa do fracasso. A CBD levou a culpa. Que idéia infeliz ela tivera! O Brasil, segundo toda gente aprendera na escola, era grande, muito maior do que o fizera a CBD. Reduzi-lo ao Rio, São Paulo e Rio Grande chegava a ser um desajuro.

6 Em 22, como andava perto o Campeonato Sul-Americano, a CBD tratou de dar maior importância à preparação do scratch brasileiro. Por isso foi ideado um Torneio de Seleção. Viriam os scratches do Rio Grande, do Paraná, de São Paulo, de Minas, do Estado do Rio e da Baía. Por que não chamar tal Torneio de Seleção de Campeonato Brasileiro? Em 7, por muito menos, a Liga Metropolitana e a Liga Paulista deram o nome de Campeonato Brasileiro à disputa da "Taça Brasil". E, havia dois anos, a CBD crismara de "Campeonato Brasileiro" o certame dos campeões do Rio, São Paulo e Rio Grande. Se algum campeonato merecia chamar-se "Brasileiro", que outro mais do que aquele em que, pela primeira vez, se reuniam as seleções de sete Estados? A CBD passou a falar, então, em Campeonato Brasileiro.

7 Os cariocas estrearam a 27 de julho contra os fluminenses. A vitória, apesar de modesta, satisfez. Contra os baianos, porém, os cariocas desiludiram. Antes do match de 30 de julho, o público, aqui, sabia muito pouca coisa do football da Baía. Entre os jogadores da Boa Terra havia dois conhecidos: Manteiga e Petiot. Manteiga, em 21, vestira a camisa vermelha do América. Por causa dele o América enfrentara uma crise. Manteiga e Petiot, sozinhos, porém, que poderiam fazer? E a multidão que se comprimia nas arquibancadas do Flamengo — o antigo campo da rua Paissandú — não tinha a menor dúvida do triunfo. Lá estavam Haroldo, Palamona, Telefone, Lais, Alfredinho, Fortes, Leite, Zezé, Nilo, Machado e Moura Costa. E quem eram os baianos? O keeper chamava-se Baby. Os nomes dos backs não assustavam ninguém: Mica e Durval, Ernesto, Nebulosa e Neco pareciam nomes capazes de marcar Zezé, Nilo e Machado? Pinima, Vivi e Sandoval eram silabas que soavam pela primeira vez aos ouvidos do torcedor carioca.

8 Torna-se fácil imaginar o abalo causado pelo resultado. Os cariocas quase perderam o match. E o empate difícil só serviu para descobrir o football baiano. Na Baía, sim, senhor, se jogava football. O torcedor carioca apreciou Baby, aprendeu a guardar o nome de Sandoval, de Nebulosa, aplaudiu Mica e Vivi e meteu o pau em Nilo. Nilo, pequenino, um brinquedo de porcelana, não servia para scratch. Era preciso algum forte, que entrasse, que rompesse a defesa. Alguem assim como Pastor. De melindrosa, bastava Zezé. E para o encontro de 6 de agosto, com os gauchos — o match foi no campo do Botafogo — lá saiu Nilo, o não me toques. Com Pastor e tudo, os cariocas suaram para vencer. Os gauchos tinham trazido Lagarto, um jogador de pernas em arco, muito ligeiro, que parecia ter visgo na chuteira. Para marcá-lo, Fortes comeu o diabo, e acabou perdendo a paciência, tocando o braço em Lagarto. Lagarto revidou, fechou o tempo, houve invasão de campo, o pau comeu, e quando os ânimos serenaram os gauchos não pareciam mais os mesmos.

9 A campanha dos paulistas fora muito mais bonita. A 28 de julho eles estrearam contra os mineiros. E o match lembraria, pelo score, um de anos atrás entre cariocas e mineiros. Os mineiros, então, eram Ferreira, Ferreira e Ferreira, como disseram os cronistas. Ferreira engoliu treze bolas, fez trinta e seis defesas, contadas a dedo, e foi carregado em triunfo. Em São Paulo os mineiros não levaram Ferreira. Levaram Bomback. E quem procurar saber qual foi o scratch de Minas ficará na mesma depois de ler os nomes todos: Bomback, Tonico, Chiquinho, Praia, Lucas, Eurico, Lauro, Galinho, Zico e Maia. A escalção da seleção de São Paulo parece, ao lado da mineira, uma lista de gente conhecida, que se cumprimenta na rua, que se visita: Primo, Bianco, Bartô, Bertolino, Faragassi — eu acho que não conheço Faragassi — Geluido, Formiga, Heitor, Friedenreich, Neco e Rodrigues. Neco fez seis goals, Rodrigues três, Friedenreich três e Formiga um. Foi um nunca acabar de goals.

10 A 2 de agosto os paulistas enfrentaram os gauchos. E aí já Amílcar tomara o lugar de Faragassi — eu nunca vi Faragassi jogar, nem sei se ele era magro ou gordo, alto ou baixo. Os gauchos apareceram com Lara, Neco, Presser, Talco, Xiffo, Dolival, Leão, Lagarto, Willy, Mosquito, Barros, e o mais que eles puderam fazer foi resistir. Os paulistas venceram por quatro a dois, pela mesma diferença da vitória carioca. Contra os baianos, porém, a 6 de agosto, justamente no dia em que, no Rio, os cariocas enfrentavam os gauchos, os paulistas conseguiram um triunfo fácil. E quando se marcou a data — 13 de agosto — para a partida final entre cariocas e paulistas, os cariocas embarcaram para São Paulo sem esperanças. Em três matches os paulistas tinham marcado vinte goals. Ainda se o jogo fosse aqui no Rio...

11 Botaram a culpa em cima de Haroldo. Haroldo, foi o que se disse, ficara nervoso. Rodrigues bateu um corner. A bola veio para as mãos de Haroldo, Haroldo segurou-a, largou-a, e a bola alcançou o fundo das redes. É verdade que ninguém tinha nada a dizer contra o goal de Neco, que ninguém tinha nada a dizer contra os dois goals de Friedenreich. Ah! se Haroldo não tivesse largado a bola... Antes do corner de Rodrigues o score estava zero a zero, e quem sabe? Os cariocas voltaram de São Paulo de cara amarrada. E, de repente, os jornais daqui começaram a perguntar se aquilo tinha sido um Campeonato Brasileiro. Eles mesmo responderam que não. E todas as vezes que tinham que tocar no assunto, os jornais falavam em "Torneio de Seleção".

★ Está á venda ★

HISTÓRIAS DO FLAMENGO de Mario Filho

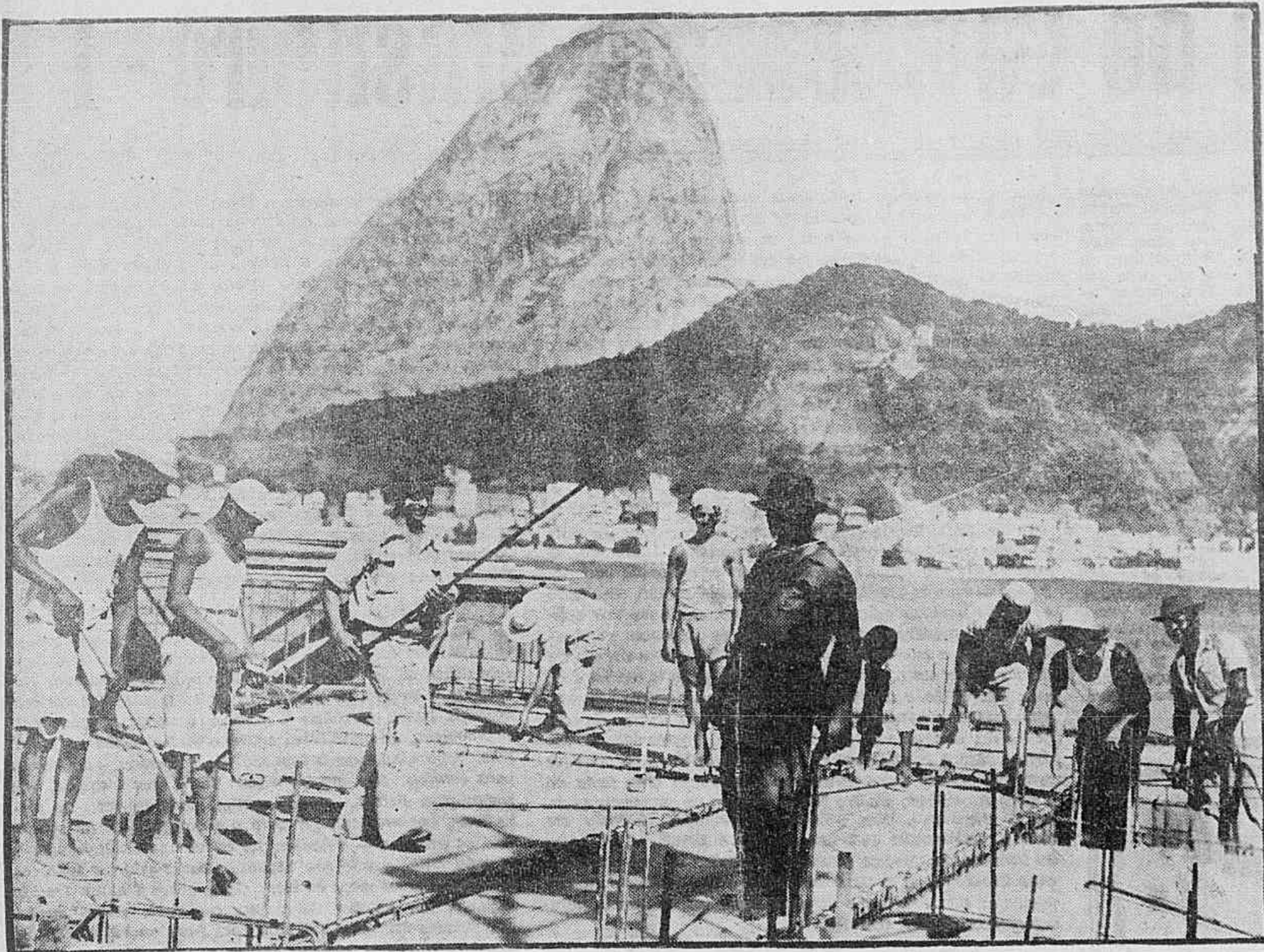
PREÇO
CR\$
25,00

A edição de luxo, numerada de 1 a 250, com autógrafo do autor, das "Histórias do Flamengo", é vendida a Cr\$ 100,00 o exemplar. Reserve desde já o seu exemplar dessa Edição de Luxo, que se encontra á venda na Livraria Civilização Brasileira, rua do Ouvidor n. 94.

À venda na redação de JORNAL DOS SPORTS, Avenida Rio Branco, 114, 4.º andar, e em todas as livrarias do Brasil.

Distribuidores exclusivos:
Livraria Civilização Brasileira, rua do Ouvidor, 94 — Serviço de Reembolso Postal.

CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO



MARCHA PARA A REALIDADE DA SEDE Suntuosa

Com a sede suntuosa do morro da Viuva está se verificando a mesma coisa. O Flamengo sonhou com ela, mas ninguém acreditou. Um dia, porém, Hilton Santos, o atual presidente do rubro-negro, que se achava em São Paulo como interventor na Casa Alemã, veio ao Rio e conseguiu, como num passe de mágica, passar o sonho para uma tela real. Conseguiu a cessão de um terreno no morro da Viuva e conseguiu com a Sul-América o financiamento da construção. O lançamento da pedra fundamental foi um dia de festa. No entanto, não se falou mais no assunto. E muita gente acreditou que tudo não passara de "fogo de palha" e que a sede do rubro-negro ainda estaria na festiva mas simples pedra fundamental. A verdade, porém, é que o sonho bonito do Flamengo está caminhando a passos firmes para a sua concretização. Sob a direção dos engenheiros Otto Vilmar e Flavio Amilcar Regis, a estrutura da sede suntuosa do rubro-negro está se erguendo na paisagem bonita da avenida Ray Barbosa. Cinco andares já estão de pé no seu arcabouço sólido de ferro e cimento. E outros não tardarão em subir mais. Como se sabe, a futura sede do Flamengo compor-se-á de três blocos, sendo o central formado por 24 andares e os laterais, por 18 andares, cada um.

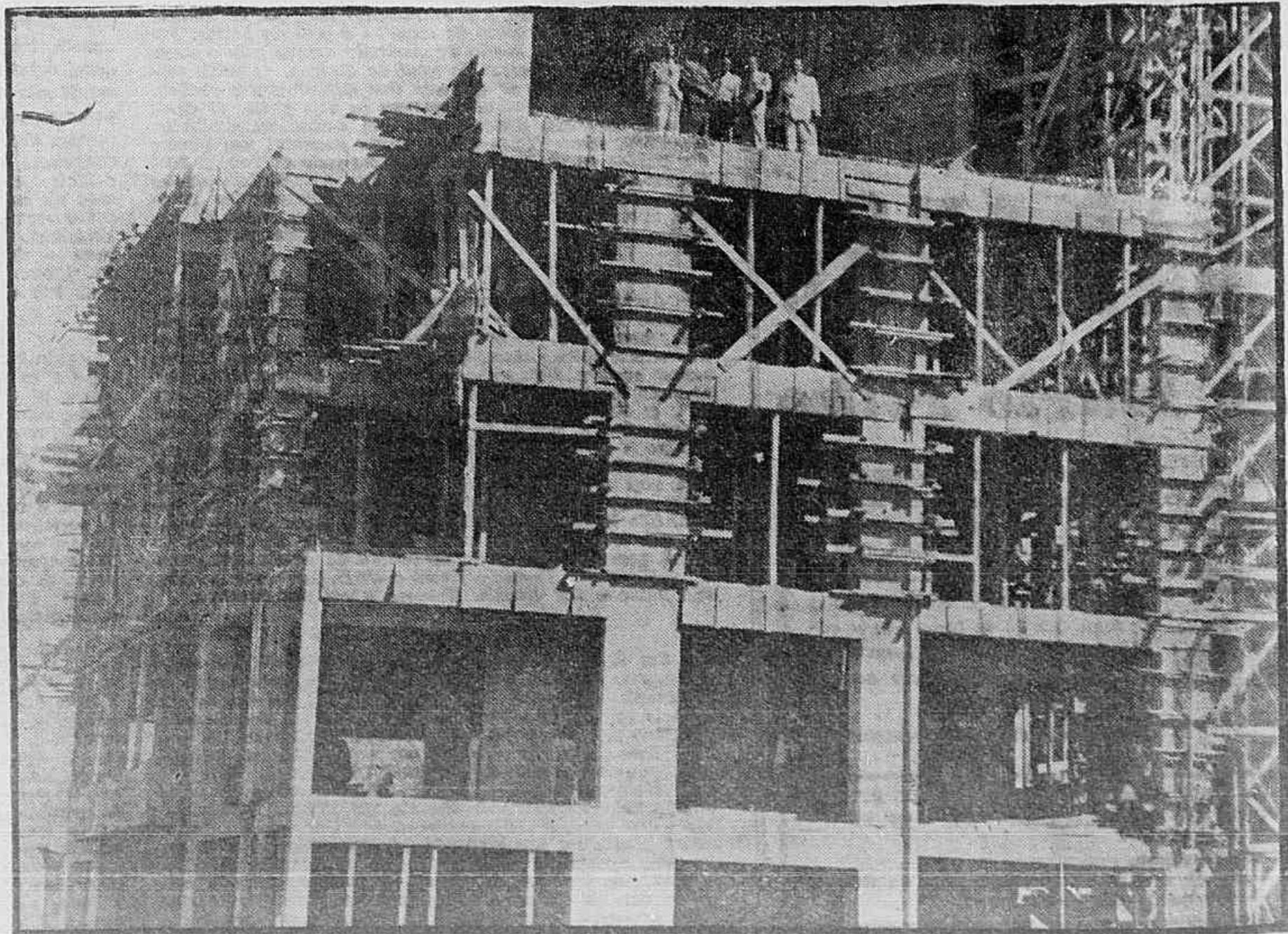
DENTRO DE DOIS ANOS A CONCLUSÃO

Os engenheiros não escondem que muito trabalho terão ainda pela frente. Mas manifestam a sua confiança em que dentro de dois anos poderão entregar aos rubro-negros a sua sede nova, o seu sonho bonito tornado realidade.

Para se ter uma idéia do vulto da construção do Flamengo, é interessante conhecer os detalhes gerais previstos para a grandiosa obra:

1. Área de construção — 28.300 m².
2. Pavimentos: 24 no central e 18 nos laterais.
3. Área de moldes para concreto: 70.000 metros quadrados.
4. Peso do ferro para concreto — 500 ton.
5. Consumo de cimento — 80.000 sacos.
6. Volume de concreto — 5.800m³.
7. Volume de pedra — 5.200m³.
8. Volume de areia — 3.500m³.
9. Operários: diárias previstas — 1.165.000.
10. Tijolos — 3.850.000 unidades.
11. Esquadrias: madeira — 3.159; ferro: 480.
12. Marmoraria — 3.436m².
13. Revestimento — 160.000m².
14. Ladrilhos — 22.000m².
15. Tacos — 16.200m².
16. Pinturas — 83.000 metros quadrados.

Sem alarde, silenciosamente, as "formigas" do rubro-negro vão levantando a sede suntuosa do Morro da Viuva. E cinco andares já se erguem imponentes no seu arcabouço de ferro e cimento



Já faz tempo, muito tempo mesmo, que o Flamengo sonhou ter um dia uma sede muito grande e muito bonita para oferecer aos seus sócios todo o conforto mais moderno que se registra nos grandes clubes do mundo. Em princípio, é claro, ninguém admitiu como possível que isso chegasse a ser uma realidade. Um sonho, por mais bonito que seja, é, afinal, sempre um sonho. Não conserva as suas impressões por mais de alguns minutos, no máximo algumas horas. No fim desse período, é esquecido sem deixar vestígios. Com o Flamengo, porém, as coisas não costumam se passar assim. Quando ele sonha com uma coisa bonita, decide-se a transformá-la em realidade, e não descansa enquanto não o consegue. Assim foi com o estádio da Gavea. Levou anos de projetos, anos de amadurecimento, mas um dia surgiu imponente, ainda que não concluído.

Quando chegou ao futebol da cidade. Assim foi no ano de 44, quando o estádio estava interditado, por causa das dependências de madeira, só sendo nele permitida a realização de jogos de amadores. O Flamengo, quando o campeonato chegou ao segundo turno, dispôs-se a jogar na Gavea os matches finais, que eram justamente os de maior expressão, com o Fluminense e com o Vasco. Pediu ao presidente Vargas Netto a licença para jogar essas partidas em seu campo. Muita gente considerou absurda a pretensão do rubronegro. Não seria possível se esperar que um estádio até então interditado pudesse comportar e oferecer garantias suficientes a uma assistência tão grande quanto se prognosticava para os jogos finais do certame. O presidente Vargas Netto, porém, acreditou no Flamengo e deu a respectiva licença. E o Flamengo meteu mãos à obra. Quase que de um dia para o outro ergueu degraus de cimento, onde antes existia madeira, e no jogo final com o Vasco apresentou a renda "record" do ano, sem desabamentos, sem acidentes, sem nada. Confirmara-se com isso que as coisas com o Flamengo são sempre diferentes. Quando ele se resolve a um determinado fim, consegue mesmo.

SABE?...

- 1 — Quem ofereceu ao Brasil a Copa Roca?
 - 2 — Em que ano foi disputada pela 2.ª vez?
 - 3 — Em que ano o Brasil jogou com a Suécia?
 - 4 — Qual é a circunferência máxima de uma bola de football?
 - 5 — E o mínimo?
- (Respostas na página 13)



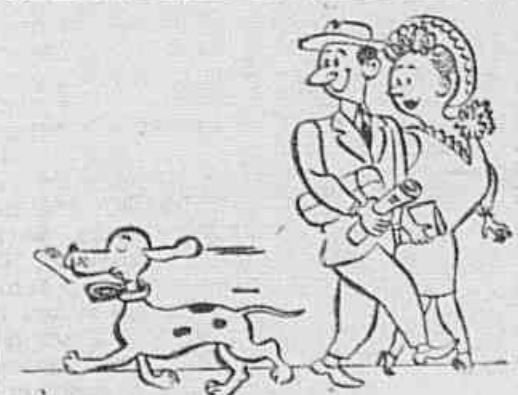
AUTOMOVEL TORPEDO — Há uma febre de inovação automobilística. Acabou a guerra, a energia atômica aí está, e ninguém mais se conforma, parece, que o automóvel continua com quatro rodas e tudo o mais conhecido. Mas essa febre tende a declinar, e os automóveis, por fim, ficarão sossegados sem grandes modificações. O "auto torpedo", que vemos na gravura acima, é provavelmente um produto dessa febre. O motor é trazeiro, a direção no centro, pode-se ver a lua ou o sol através das vidraças, que tomam metade do teto, e tem dimensões anormais. Se for fabricado, será em Chicago.

TIRO LIVRE

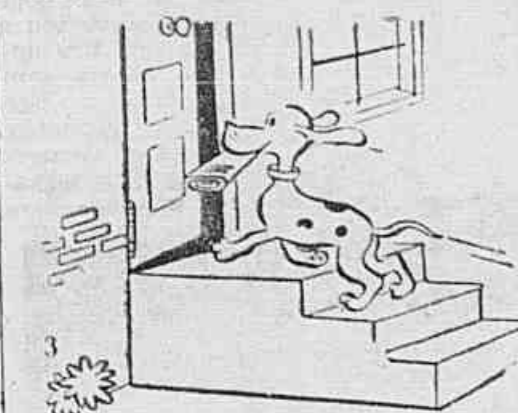
Conversa de Recortes



EVERARDO LOPES — Podem os clubes passar para trás o Torneio Relampago, oficializado pela Federação, e, em consequência, batizado no calendário da entidade com o sal e a água-benta de inclusive uma tabela já organizada? Ai então surgem os prós e os contras.



VARGAS NETTO — Todos os clubes têm orçamentos apertados, e a absoluta maioria tem "deficits" e dívidas! Começaram a pensar com os pés na terra e o cérebro na realidade. Agora já se entendem os presidentes de clubes e se comunicam sobre notícias inverídicas e explorações de atitudes inexistentes...



ZÉ DE SÃO JANUARIO — O publico está louco para assistir a grandes partidas de football. Nunca se esperou tanto tempo por um encontro entre dois clubes de classe. Se os clubes se arriscarem a uma aventura, levando suas equipes aos Estados, teremos um "Relampago" tão frouxo, que não chegará a dar uma luz de lamparina de azeite da porta de um oratório.

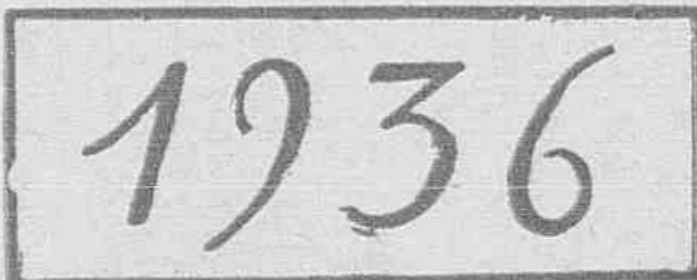


MARIO FILHO — Um exemplo da influencia das possibilidades, dos clubes nas rendas dos matches está no caso do Flamengo em 44. Em 44 o Flamengo tornou-se tricampeão da cidade. Aconteceu, porém, que, no principio da temporada, o Flamengo não inspirou a confiança da sua imensa torcida. Perdera o "Relampago", o "Municipal", aparecera como um simples concorrente no campeonato. O publico do Flamengo fugiu dos campos, só voltou quando se abriram, outra vez, para o rubro-negro, as perspectivas do campeonato.

LINS DO REGO — Muita gente do Norte me escreve a perguntar por que não vai até lá o Flamengo.

Por isto eu apelaria para o meu caro amigo Vargas Netto, para que abrisse, com a sua autoridade de presidente, uma oportunidade para o Flamengo. Isto é, que dentro do "Relampago", aparecesse uma saída que permitisse aos rapazes da Gavea, a viagem à Baía.

MARÇO, 8: Para decidirem o campeonato de amadores, Vasco e São Cristóvão jogam a "melhor de três", empatando de 2x2. — Nas provas de tiro para seleção olímpica, Harvey Villela marca 508 pontos. — Em Duisem, o dinamarquês Jonson bate o "record" dos 400 metros "a la brasse" em 5 minutos e 45 segundos. — 9: Fausto anuncia que assinará contrato com o Flamengo. — Em Buenos Aires, a idéia de fixar um limite máximo de taxa de transferência e das luvas provoca um movimento de defesa dos jogadores. — 10: Anuncia-se que Ernesto embarcará para a Europa, onde atuará provavelmente num "team" português. — Vindo da Paraíba, passa pelo Rio, disposto a atingir Nova York a cavalo, o Sr. Severino Moura Fonseca. — 11: Em suspenso as "demarches" de pacificação. — 13: Jeanette Campbell melhora em 14 segundos o seu "record" nos 400 metros. — Última sobre a pacificação: "Fracassou a pacificação esportiva. O Sr. Arnaldo Guinle em nome dos especializados, dá por encerradas as negociações. — 14: Depois de 9 anos, o Independientes, de Buenos Aires, conquista o campeonato de football. — 15: Enfrentando o América local, no México, o vence por 7x1



SUPER-NADADOR

Adolph Kiefer adicionou maiores provas às já existentes de que é o maior nadador do mundo, nos campeonatos de natação da Associação Nacional de Amadores, disputados na piscina do New York Athletic Club. Seus triunfos foram de modo a tirar dúvidas. O astro do Centro de Treinamento Naval de Bainbridge, consagrou-se o maior homem dos torneios, vencendo as provas individuais de 300 jardas mistas e 150 jardas, nado de costas. Além dessas provas conclusivas para defini-lo, Kiefer foi o grande homem, no esforço desempenhado para que seu "team" vencesse em duas provas de revezamento.

Com essas duas vitórias, o número de torneios de natação ganhos por Kiefer sobe a 28! Foi a nona vez que venceu em nado de costas, tendo competido em dez campeonatos. Tendo somente 27 anos de idade, o grande campeão olímpico está no apogeu da forma.

Foi em 1935 que venceu o primeiro campeonato nacional. No ano seguinte foi campeão olímpico, em Berlim, tendo sido considerado o mais jovem atleta a vencer um campeonato internacional.

Atualmente, todos os "records", entre 50 jardas e uma milha lhe pertencem.



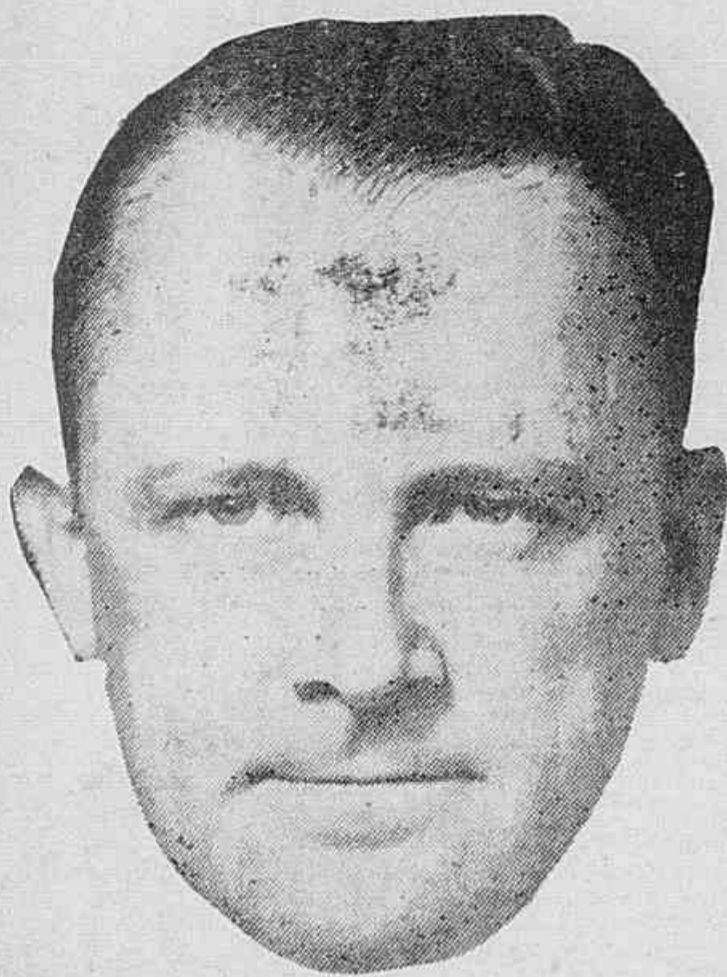
A Marcha do Tempo



Aquí está o team do America de doze anos atrás. Todos mais magros, mais leves, rostos mais lisos, e mais jogadores de football. Uns não quiseram mais nada com a bola outros quiseram, mas o tempo entrou para atrapalhar... Entre outros pode-se ver Carola, Aymoré, Curto, Penaforte, Hildegardo, Zezé Moreira e Oscarino.

As grandes figuras do passado

Marcos de Mendonça

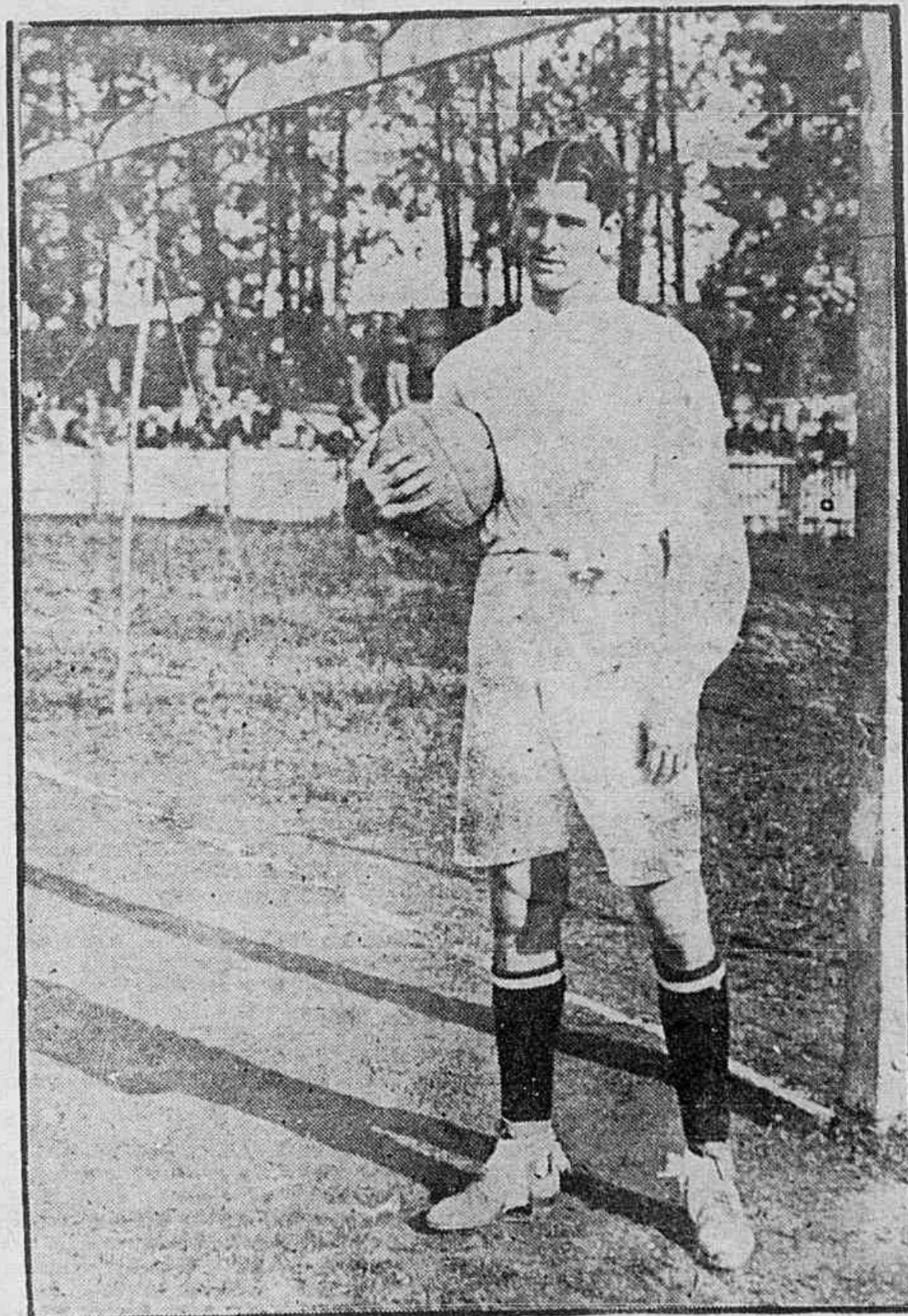


Marcos Carneiro de Mendonça tornou-se keeper por acaso. Pelo menos só estreou, naquela tarde de 5 de junho de 1910 porque o Haddock Lobo não tinha outro à mão. Foi num match contra o Fluminense. O Fluminense venceu por cinco a zero. Emilio Etchegaray, porém, batendo um penalty, teve o desprazer de vê-lo defendido pelo novo keeper, que os jornais, no dia seguinte chamaram de Mendonça. "Dos jogadores do Haddock Lobo — foi o comentário de uma das folhas — é, entretanto, de justiça destacar o keeper Mendonça, com excelente golpe de vista, colocando-se sempre perfeitamente bem e com uma escora de mãos segura e firme". A colocação de Mendonça que chamava a atenção dos críticos desde a estréia ia ser a sua grande arma. Marcos de Mendonça foi o primeiro keeper a fechar os ângulos do goal. Gostava de avançar uns passos, diminuindo o arco, de tal forma que parecia que todas as bolas eram chutadas nas suas mãos. O Haddock Lobo teve-o um ano, o

ano de 10 que daria o título de Glorioso ao Botafogo. Também em 11 o Haddock Lobo já não figurava no campeonato. Fundira-se com o América que ia ser, durante três anos o clube dos irmãos Mendonça, Marcos e Luiz, o keeper e o back. Marcos, que fora jogar de goal por acaso, tomara gosto. O football, para ele, era uma coisa seria. Aliás, naquele tempo já se levava muito a sério o football. A torcida dos clubes engrossava de ano para ano. Marcos de Mendonça tomara gosto, cuidava-se. Por isso mesmo, em casa, treinava, todos os dias, football. Comprava uma dúzia de laranjas e encarregava Luiz de arremessá-las para aperfeiçoar o amortecimento da bola. Quando uma laranja estourava em suas mãos, era porque a defesa tinha sido mal feita.



2 Em 13, Marcos de Mendonça tornou-se campeão da cidade pelo América. O clichê acima é a reprodução da fotografia oficial, que andou distribuída em cartões postais, do quadro campeão do América. Já aí Marcos introduzia o escudo, que fora adotado por Belfort Duarte.

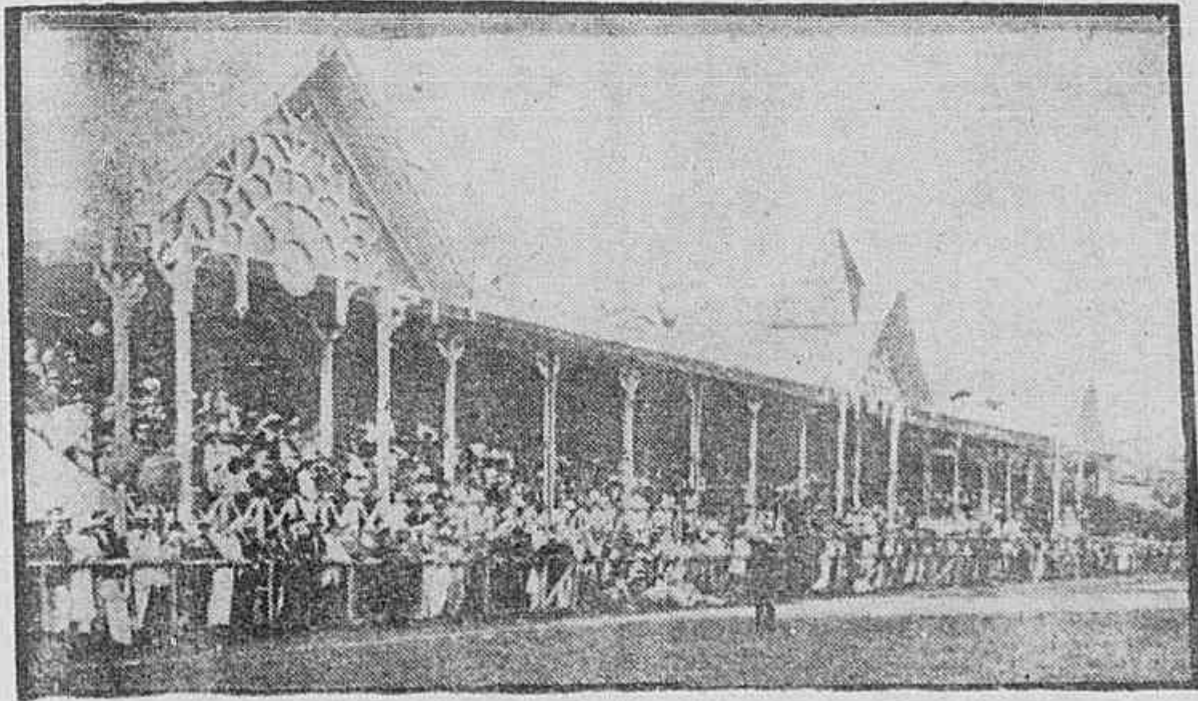


1 -- Embora não tivesse introduzido o escudo, que embelezaria o uniforme dos jogadores de football, Marcos de Mendonça podia ser apontado, ao vestir a camisa do América, como o keeper mais elegante da cidade. Era alto e fino, usava o cabelo partido do lado. Quem acompanhar a carreira de Marcos pelas fotografias há de notar que ele pouco mudou a maneira de vestir. Ai está, em 11, uma pose de Marcos. Póde-se ver a gravata que lhe servia de cinto e que, mais tarde, o identificava como o Filinha Roxa. Em 11 a gravata-cinto de Marcos não era roxa. Mas ele lhe dava o mesmo laço, um pouco de lado. O tempo é que foi tornando familiar a camisa de musseline de Marcos, a sua gravata-cinto, as suas chuteiras de lona toda amarrada de cordões.



3 -- Antes de sair do América, o que se deu logo após a conquista do campeonato de 13, Marcos já era considerado o maior keeper da cidade. De dentro do goal ficava cantando o jogo. Belfort e Luiz de Mendonça o compreendiam tão bem que era difícil marcar um goal contra o América. O ângulo que Marcos oferecia ao forward para o chute estava quase sempre fechado.

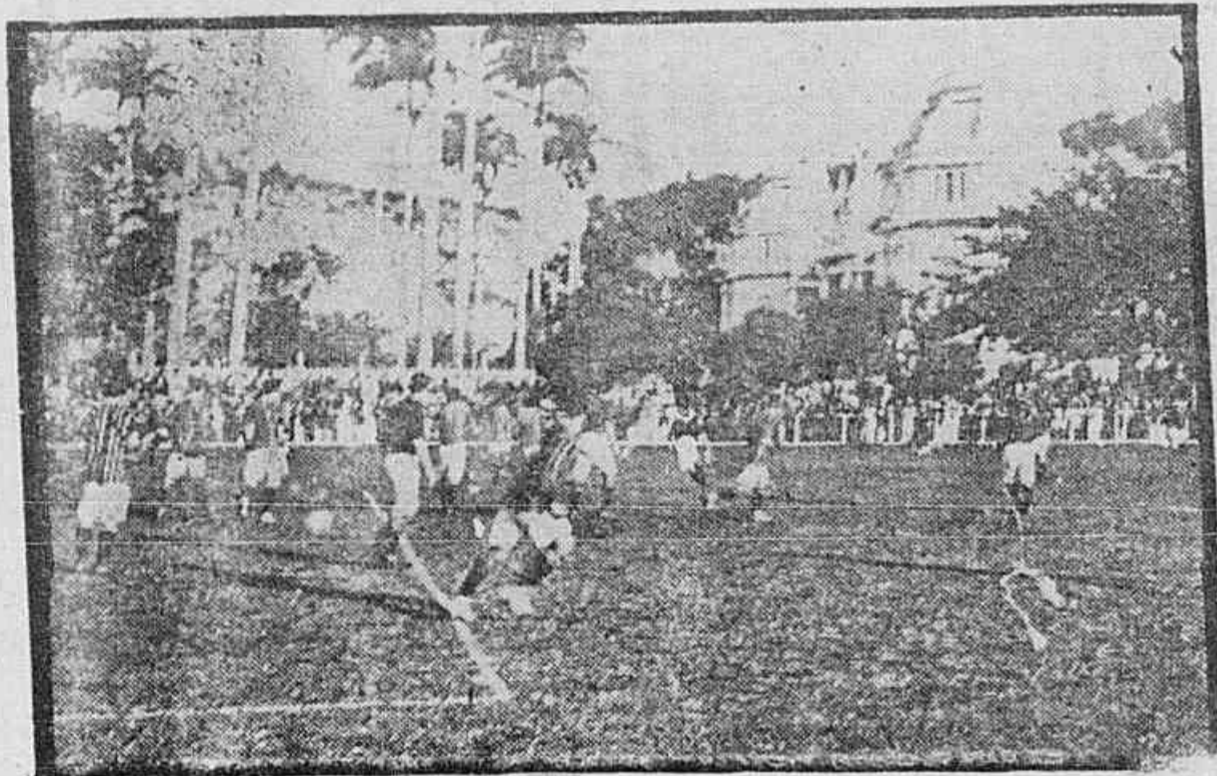
AS GRANDES FIGURAS DO PASSADO



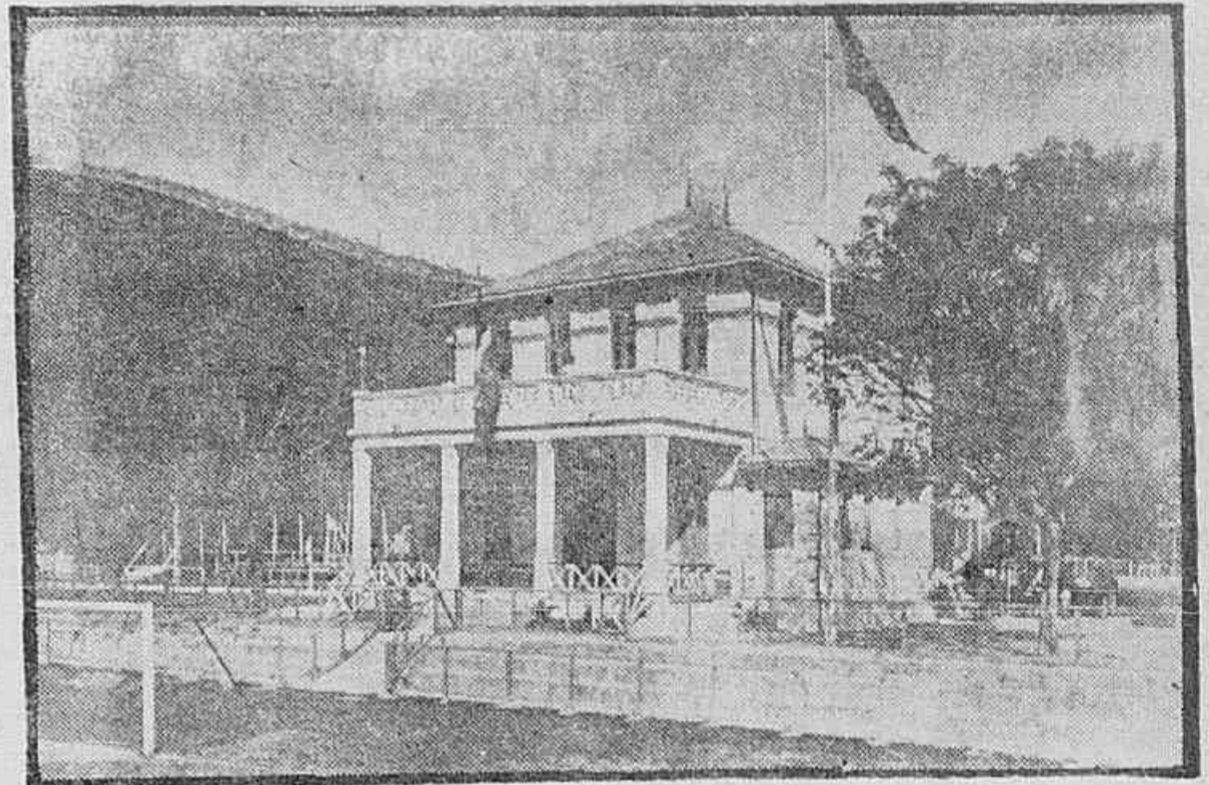
4 -- Saíndo do América Marcos foi para o Fluminense. Eis uma visão das arquibancadas do Fluminense em um dia de grande jogo em 14, quando o team tricolor aparecia reforçado com Marcos, Luiz Mendonça, Mendes e Weifare, o inglês que ia desempenhar, no football brasileiro o papel de um yankee na Corte do Rei Artur.



5 -- A camisa do Fluminense era um pouco diferente. As listras vermelhas e verdes mais largas, a lista branca quase se perdia como um friso. Em 14, primeiro ano de Marcos, o Fluminense não levantou o campeonato. Tinha sido enfraquecido com a saída do quadro campeão de 11, que garantiria ao Flamengo os campeonatos de 14 e 15.



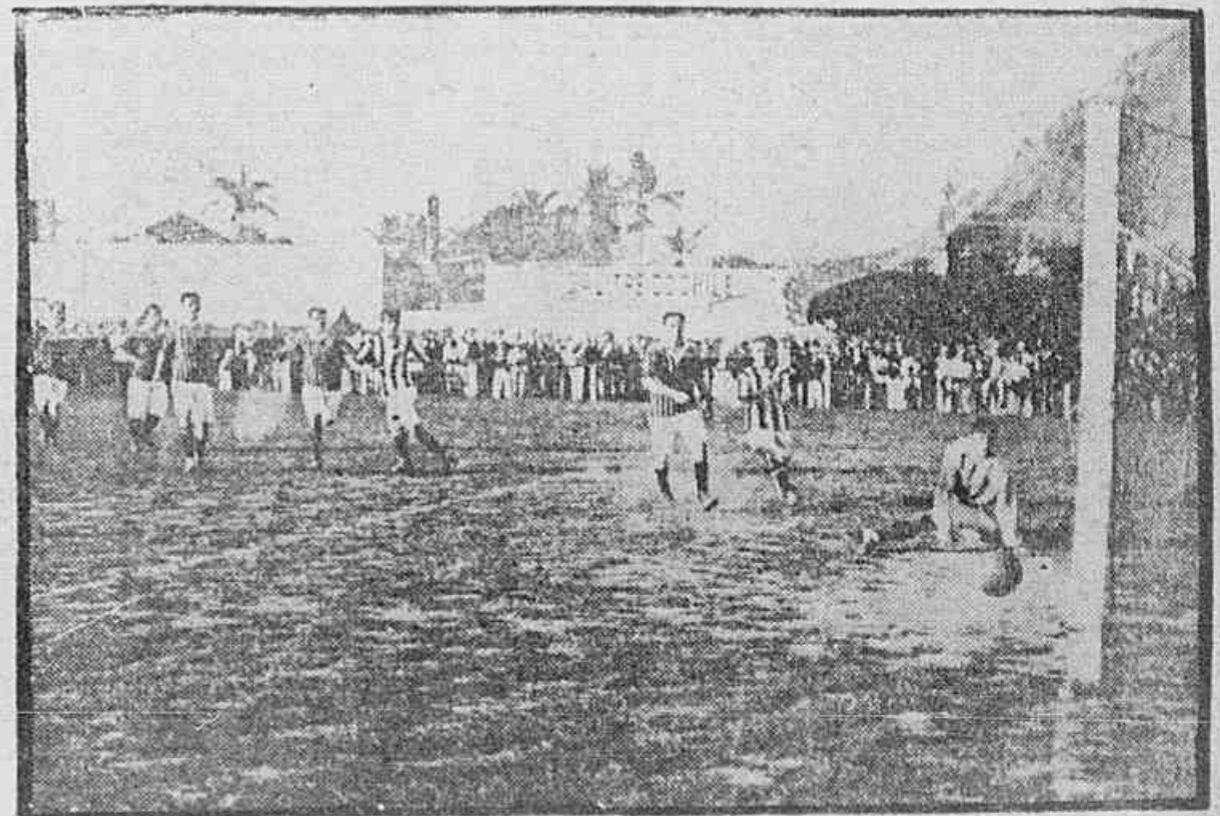
6 -- A presença de Marcos no goal do Fluminense aumentou a rivalidade entre os rubros e tricolores. Gabriel de Carvalho, então, toda vez que jogava contra Marcos, passava todo o match a irritá-lo, empurrando-o, puxando-lhe pela camisa. Julgava Gabriel de Carvalho que, assim, Marcos seria uma barreira menos difícil de vencer. Marcos, então, chamava Gabriel de Carvalho de moleque.



7 -- Tudo no Fluminense agradava a Marcos. O Fluminense, quando ele foi para lá, era o clube mais bem organizado do Brasil. Tinha o maior campo da cidade, a melhor sede. A sede era este pavilhão que se vê acima, uma prova da preocupação do Fluminense em fazer tudo bem feito. Marcos encontrava o seu clube, o que o prenderia pelo tempo a fora.



8 -- Quando o Fluminense jogava fóra de seu campo os jogadores iam assim, em automóveis de capota arriada. Pelo caminho tinham de responder às saudações dos torcedores espalhados pelas ruas. E então se ouviam gritos de hii, hii, hii, de ale-guás. Os garretes, logo que viam Marcos no carro cantavam uma modinha em voga, que começava assim: Marcos Mendonça, fitinha roxa.



9 -- Os grandes jogos daquela época não eram os Fla-Flus. O Flamengo tinha ainda pouca torcida. O Botafogo, não. Os jornais quando se referiam ao Botafogo não deixavam de chamá-lo o clube mais popular. Se não fosse o mais popular somente o Fluminense podia disputar-lhe a preferência do público. Por isso os jogos Fluminense e Botafogo batiam os "records" de rendas, chegavam aos três, aos cinco contos.

(Continua na página 10)

O BOTAFOGO



A questão dos pontas constitui um problema difícil para Silveira. René ainda não voltou, pois continua sentindo o joelho, e Lula nem sempre é o mesmo Lula dos treinos



E Geninho? Todos perguntam por Geninho. Martin o grande "crack" ainda não atingiu a perfeição. — Bem estará firme na reserva. E' um bom volante, trouxe o ano passado



Contrariamente ao que se vinha verificando em outras oportunidades, este ano o Botafogo não quis fazer alarde de grandes aquisições. Nem mesmo daquelas que continuam sendo vitais à constituição de sua equipe, naturalmente candidata a obter o título máximo do campeonato. Faltam-lhe um zagueiro clássico e um ponteiro direito mais efetivo do que os que existem no clube, atualmente. Nem por isso, no entanto, o "Glorioso" se achou com o direito de quebrar a linha de reserva traçada pelo seu atual treinador. E por falar em treinador, é justo que ressaltemos, de novo, entre os alvi-negros, a figura de Martin Mercio da Silveira. Martin Silveira está outra vez à frente do controle das equipes profissionais de seu clube, e só isso constitui um bom agouro para aqueles (e são milhares), que vêem no antigo campeão dos selecionados brasileiros uma solução perfeita para um dos problemas mais complexos de General Severiano.

CONSERVAÇÃO DO MESMO "PLANTEL" DE 45

Houve quem se batesse pela completa renovação dos conjuntos que irão intervir na temporada de 46. Mas Silveira achou que isso não seria evidentemente o caminho mais lógico para se obter a perfeição técnica do team deste ano. E teceu considerações bastante convincentes a propósito de seu ponto de vista. De

então para cá, concordam os dirigentes do clube o mesmo "plantel" do ano anterior, com algumas alterações. Entretanto, é que até o presente momento o alvi-negro de modo a esperar o melhor, modifique, seja na defesa ou no ataque.

MARTIN ACREDITA AMEN

A propósito de aquisições, Martin fez um juízo firmado: esta temporada deve ser quando, incluídas no conjunto, dê o melhor resultado. Comprar jogadores apenas para tornar constante que o delírio de grandeza perigo!

— Eu acredito bastante no trabalho que foram postos à mão. O Botafogo tem um jogador muito jovem e deverá produzir muito mais do que em 45. É natural do conjunto me orgulhar a

O ENTEDIMENTO AINDA É T

Martin vai mais longe quando diz que o entedimento ainda é tudo o que falta ao futebol brasileiro.

— Não tenho feito outra coisa senão a direção técnica do "Glorioso" e elevar o seu rendimento

BOFOTO DE 46

Martin acredita piamente nos elementos que tem — Disciplina, ordem e nada de privilegios — Com o que é necessario acabar — Operarios — footballers e estudantes —
----- footballers -----



Martin quer disciplina e ordem. Nada de privilegio em Wenceslau Braz. Este ano será diferente dos outros pelo menos nisso

vel perfeito. Com o conjunto bem ajustado, pode-se perfeitamente lograr o que denomina de "milagre no football". A minha grande experiencia no esporte leva-me a assim raciocinar. Acredito que não esteja admitindo qualquer absurdo, pois não?

UM CENTER-HALF NÃO SERIA NADA DEMAIS...

Entre uma revelação e outra. Martin lembra que a base do football atual é a linha media.

— Tenho orientado as minhas observações e trabalho no sentido de obter com segurança uma linha media perfeita. Com um center-half firme e decidido, muito se pode conseguir para completá-la. Tenho esperança em poder contar, ainda este ano, com um centro-medio que satisfaça integralmente todas as nossas aspirações. E' o que verdadeiramente me atormenta no momento atual.

DISCIPLINA, AINDA QUE TENHAMOS DE SACRIFICAR GRANDES CRACKS!

Martin é pela disciplina integral no profissionalismo. Já inaugurou com êxito o novo regime no Botafogo, e afirma que não se descuidará um instante para conservá-la intangível, suceda o que suceder.

— Em 46 não haverá cracks com regalia em General Severiano. Jogará aquele que treinar, aquele que demonstrar maior assistencia aos trabalhos de treinamento e aquele que melhor apresentar resultados nos jogos. E' necessario cercar a disciplina da maior atenção possivel. O Botafogo tem perdido campeonatos por descuido, por não zelar

como deve, pela disciplina, e em seus teams repre se ntat ivos. Mas comigo, posso garantir, não haverá tolerancia!

NEM SCRATCHMEN NEM CARTAZES!

E mais adiante:

— Em 46 não teremos no team os players privilegiados, que treinam quando podem e jogam quando cismam. Desta vez iremos exterminar com a questão dos scratchmen, das estrelas e dos cartazes. Jogará

e receberá no fim do mês o seu ordenado integral, aquele que fizer jus a isso.

Possivelmente tenhamos de sacrificar a equipe, dela afastando elementos indispensaveis. Mas não importa, quando a ordem estiver colocada acima de tudo.

— E por falar em ordem — salienta — também estamos terminando com os empregados, que são mais empregados fora do clube, que profissionais de football.



Ary, constitue, realmente, uma das grandes atrações do alvi-negro. Se voltar como esteve, o trio final estará garantido



Laranjeira continuará firme na marcação do center-forward. Sua permanencia no team, porém, dependerá de como Gerson agir

HABIL CORREDOR

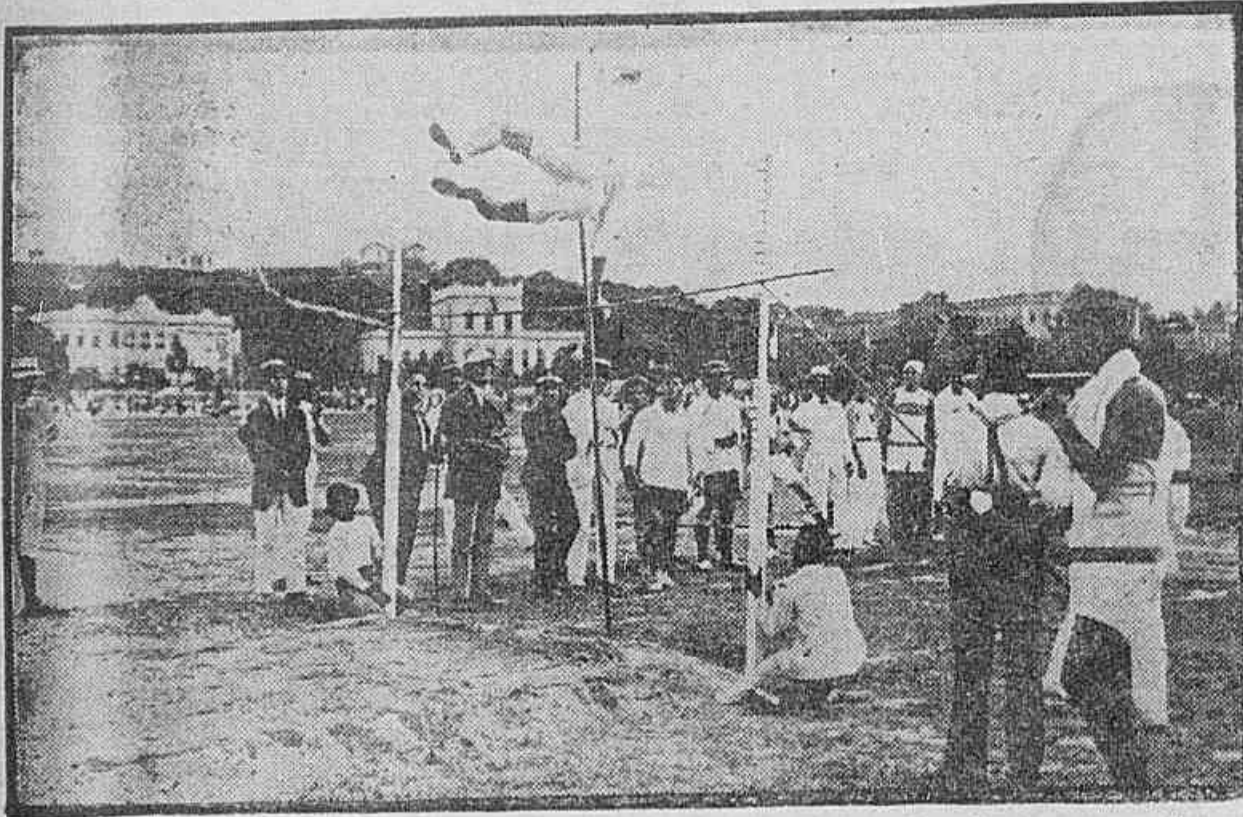
Menos de dois anos depois de ter montado seu primeiro vencedor, em Narraganset Park, o jockey Ken Scawthorn chegou a emparelhar-se com os maiores pilotos norte-americanos. Nas corridas de Garden State, já esse jovem de 18 anos ocupava o posto n.º 1, tendo dirigido a soma apreciavel de 52 ganhadores. No ano corrente, mais uma vez, ocupa a mesma posição, não sendo exagero dizer que venha a ser classificado o maior "jockey" da temporada.

O peso, para Ken, não constitue problema, por isso que, com seus 50 quilos, tem-no resolvido em definitivo. Quando, entretanto, acontece ultrapassar o "standard" estabelecido, Eddie Law sabe muito bem como fazê-lo retornar ao peso padrão.

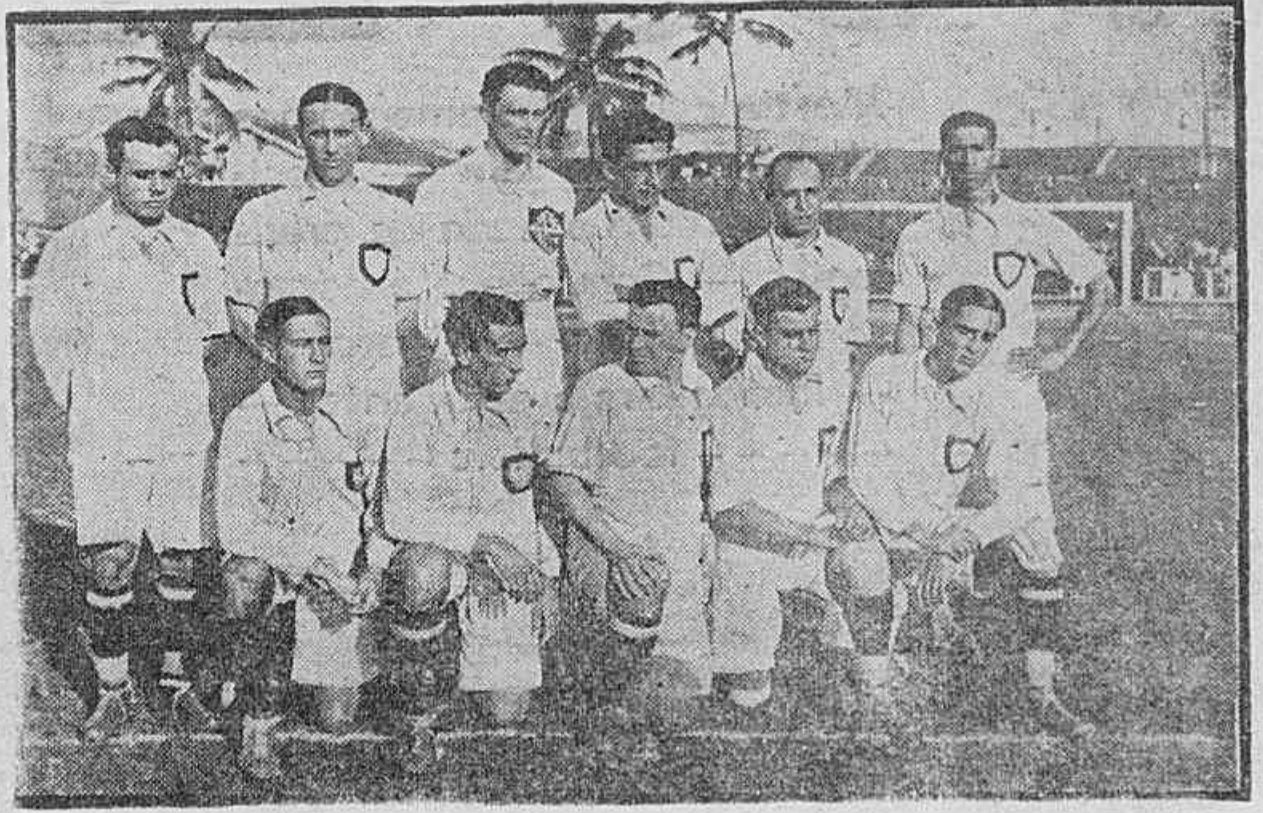
Desde sua estréia em Garden State Scawthorn tornou-se figura popular entre os aficionados. O ano passado pilotou Bon Jour, cuja vitória rendeu a soma de 50.000 dólares, no Trenton Handicap.

Diz Ken que o prado de Garden State dá-lhe sorte. Foi ali que Mrs. Harry W. Lunger, proprietaria dos famosos parelheiros do Estabulo Christiana, contratou seus servicos, impressionado com suas "performances", com opção sobre reforma de contrato.

AS GRANDES FIGURAS DO PASSADO



10 -- Marcos não era só keeper. Pulou três metros, numa prova de salto com vara. A fotografia foi mal batida, como se pôde ver, apanhou Marcos de costas, numa posição quase embaraçosa.



11 -- Maiores assistências somente em jogos Rio-S. Paulo. Eis um dos scratches cariocas, formados à última hora para apanhar dos paulistas. Marcos de Mendonça era uma vítima.



12 -- O atleta Marcos não merecia, porém, os mesmos louvores do keeper do jogador de football. Marcos tornara-se um dos jogadores mais populares do Brasil. Quando se organizava um scratch, carioca ou brasileiro, não se pensava em outro keeper. Ia chegar a sua época de ouro, a época de Marcos, Vidal e Chico Netto, e Marcos, Pindaro e Bianco.



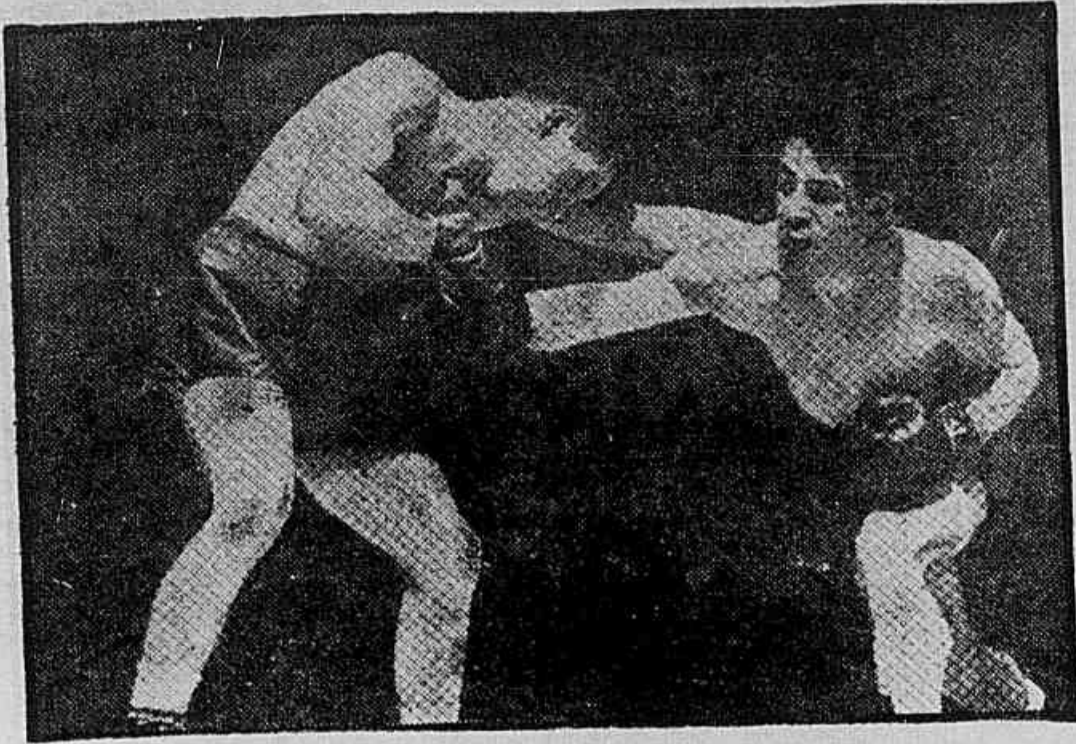
14 -- Voltou, porém, a pedido, em 21 para salvar o Fluminense da eliminação, em 22 para ser o keeper do scratch brasileiro e em 26 para tapar um buraco. Não era, porém, o mesmo. O football para ele, acabara em 19.

13 -- Em 17 o Fluminense levantou o primeiro campeonato da serie de três que ia levantar consecutivamente. Uma revista publicou uma capa assim, o team do Fluminense saindo de uma bola, como um pinto de um ovo. Marcos tinha feitos os seus cálculos para abandonar o football com o título de tri-campeão carioca e campeão sul-americano, ambos conquistados em 19. Aí anunciou a sua resolução inabalável de nunca mais guardar um goal.

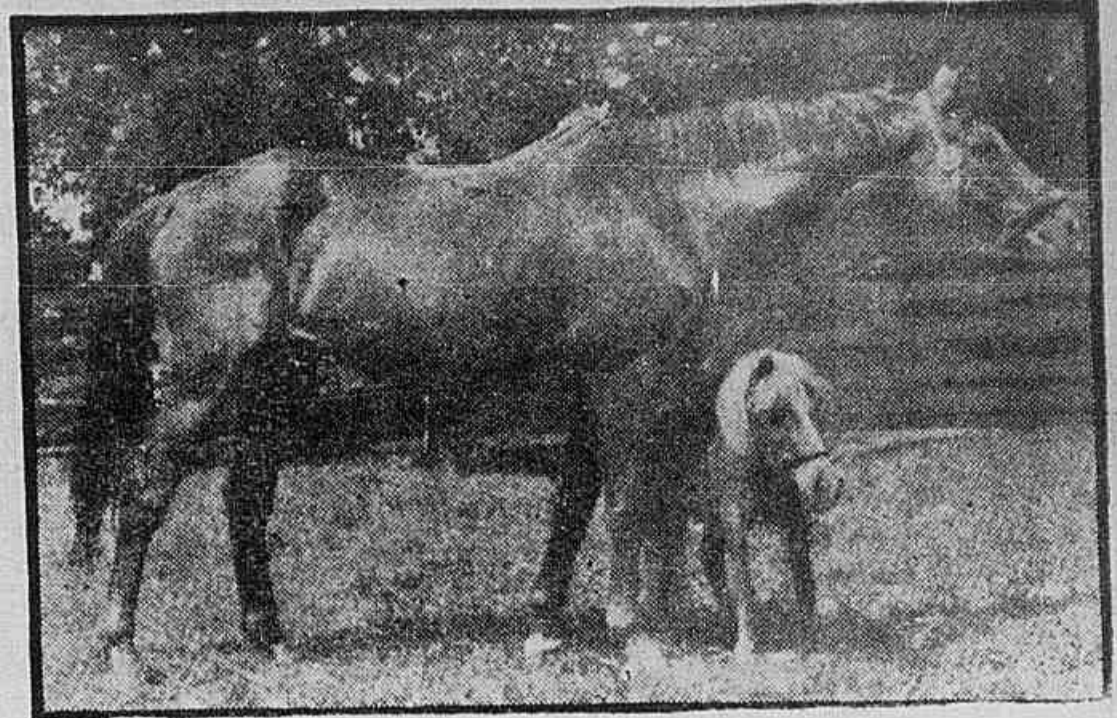


15 -- São, embora em 19, quando uma enchente num campo de football permitia uma fotografia sensacional como esta. Superlotado o campo do Fluminense. Tão superlotado que as crianças tiveram que se sentar na pista e aquele torcedor ali teve que subir na árvore. 19 anunciou uma nova época. Marcos de Mendonça cumprira a sua missão.



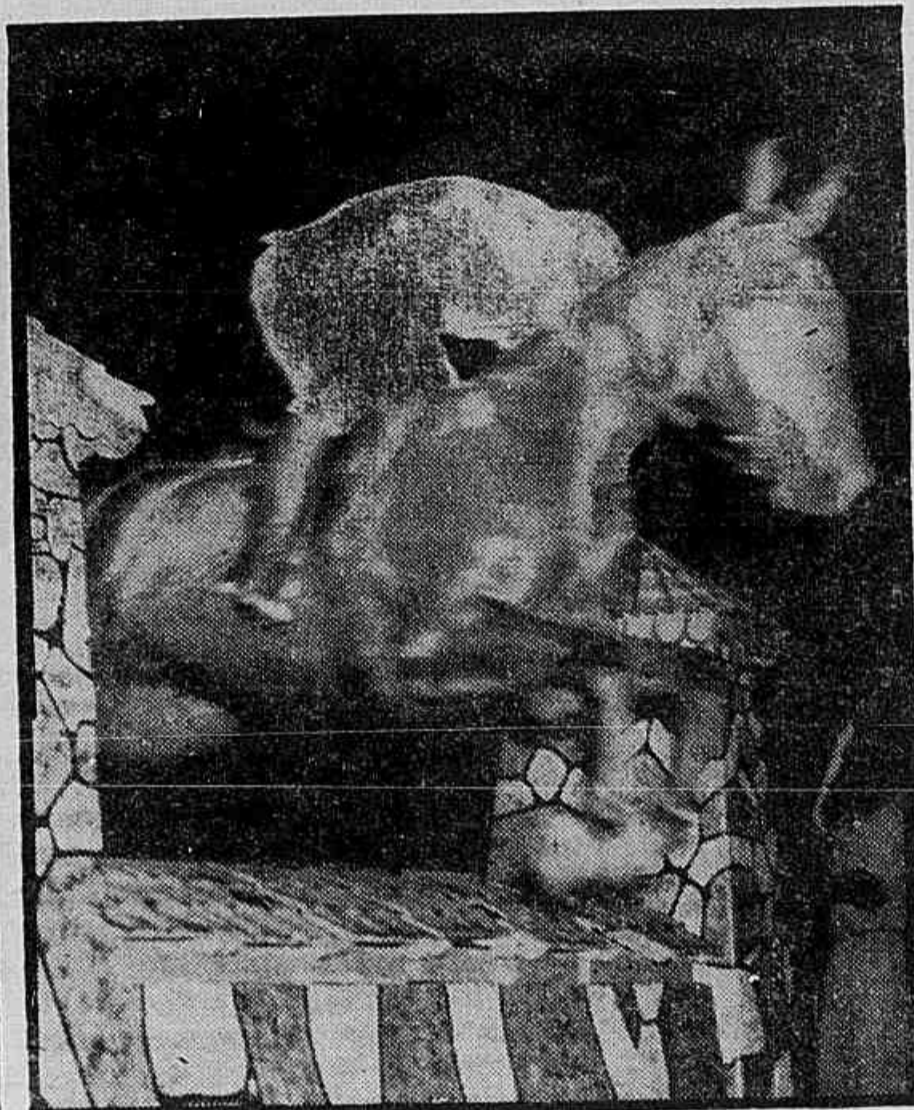


“Test” espor- tivo



1) Um pesa 59 quilos, outro 60. Em que categoria devem ser classificados?
a) peso leve c) peso medio
b) peso mosca d) peso galo

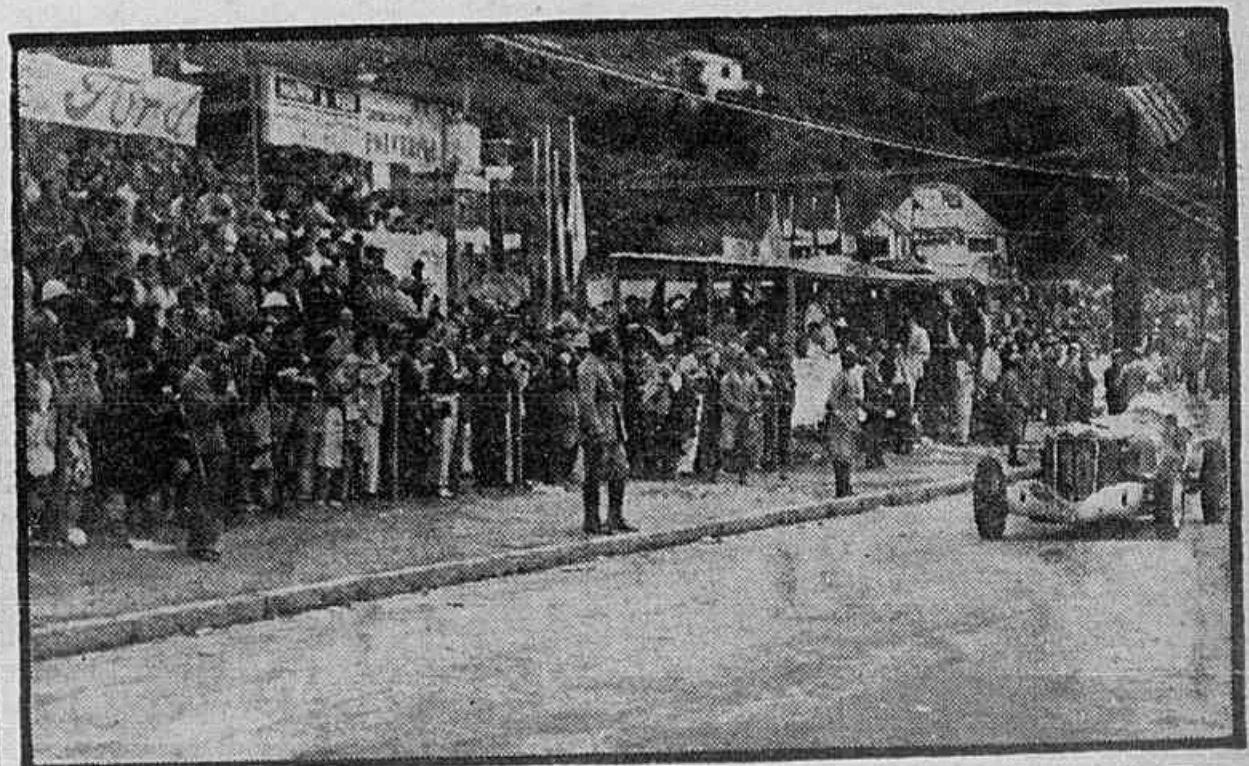
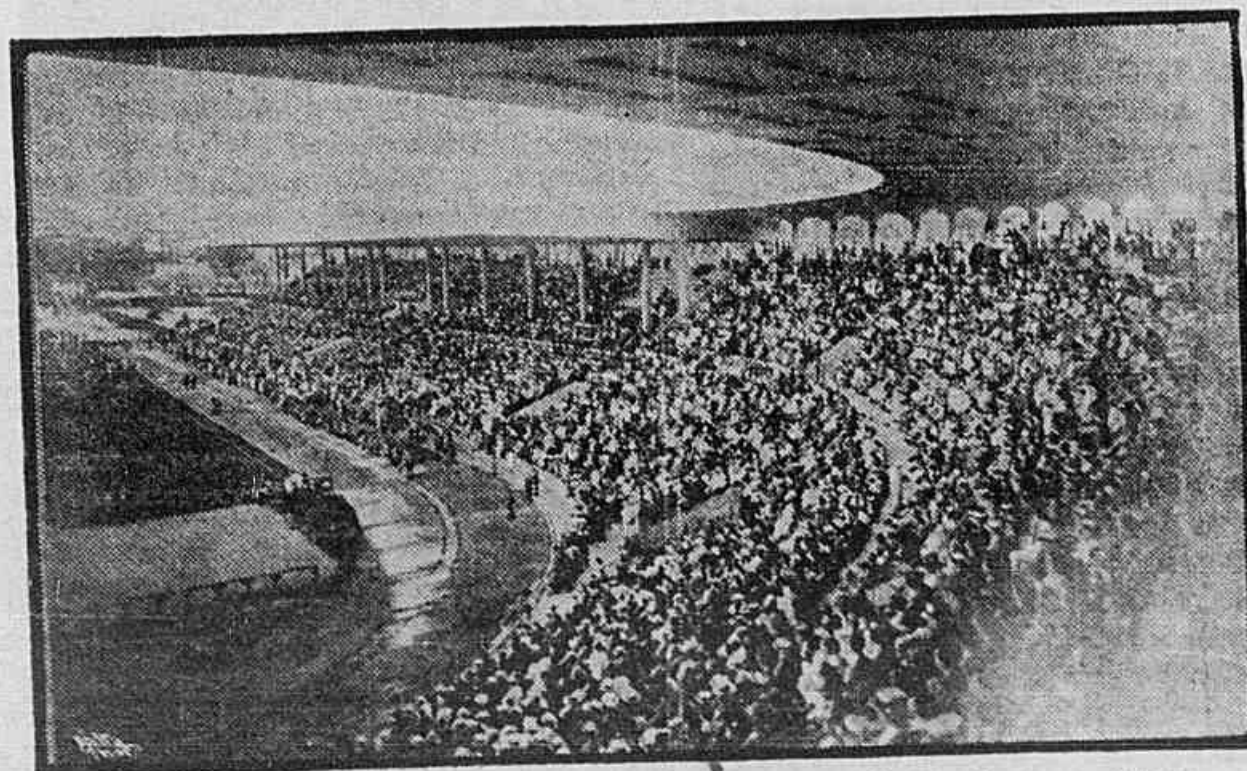
2) Qual é a idade mínima para um cavalo participar de um pareo turístico?
a) 6 meses c) 18 meses
b) 3 anos d) 2 anos



3) Quem não conhece este desportista carioca?
a) Arnaldo Guinle c) Vargas Netto
b) Bastos Padilha d) Cyro Aranha

4) Não é preciso praticar hípismo para saber que o nome deste obstáculo é:
a) estacionata c) oxer
b) cancela d) muro de Spá

5) O bom amigo sol proporciona visões como esta nas praias, e qual destas vitaminas proporciona ao organismo?
a) d c) b
b) c d) k

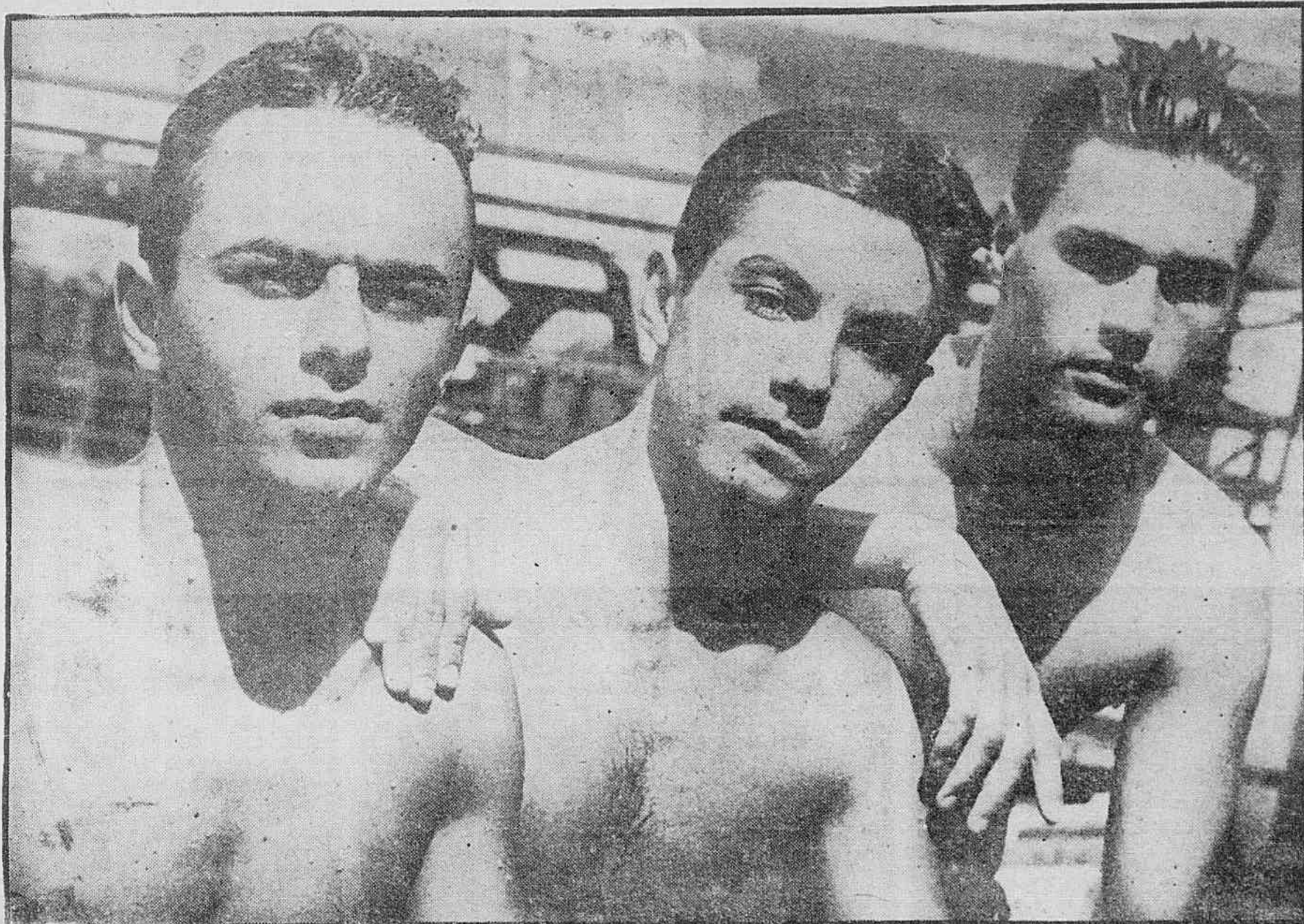


6) Aqui está uma vista parcial de um estádio brasileiro. Trata-se do:
a) Pacaembú c) Sogipa
b) Fluminense d) Vasco da Gama

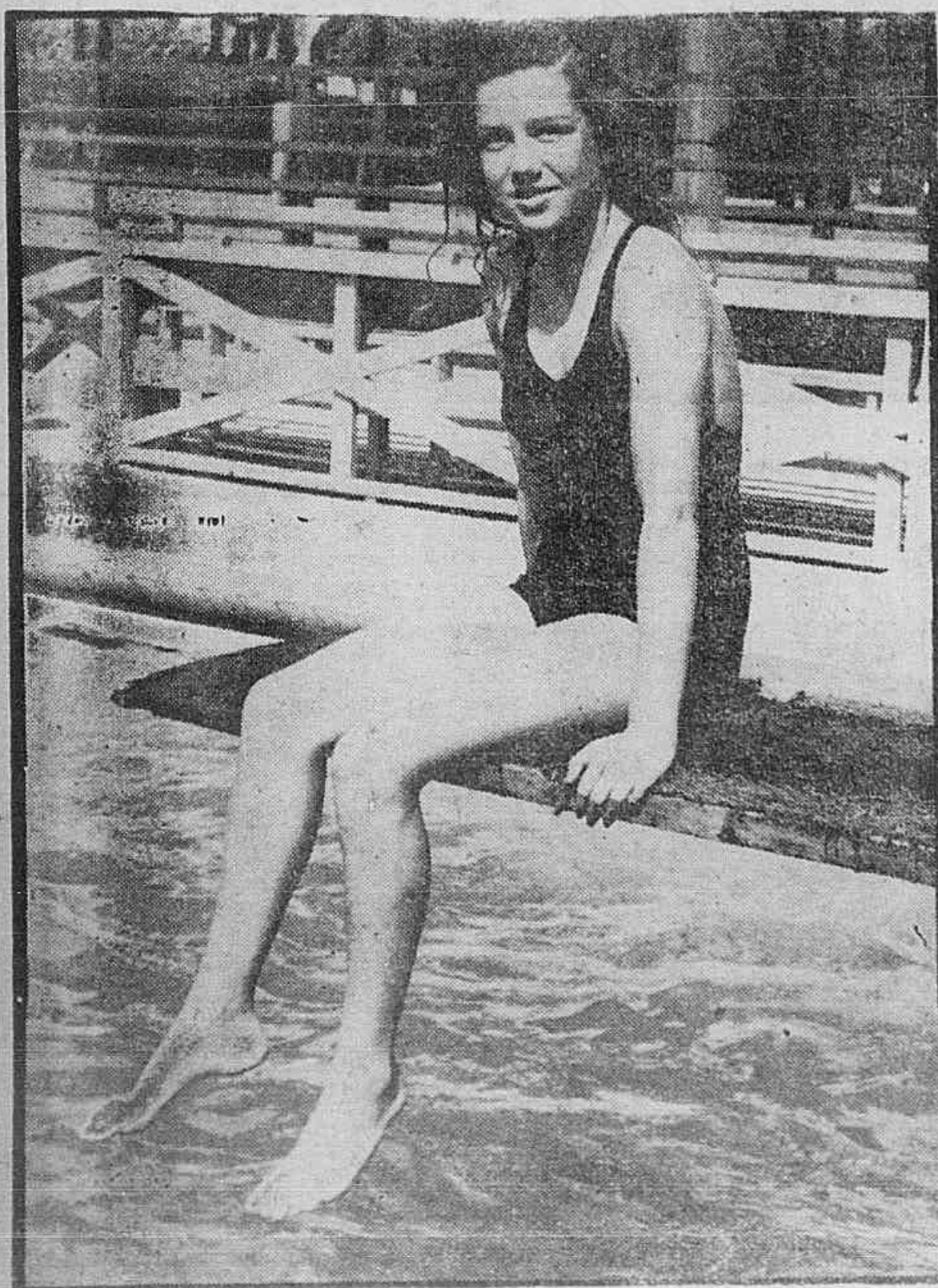
7) Um aspecto da corrida da Gavea de 1938. A primeira foi realizada em:
a) 1931 c) 1935
b) 1933 d) 1932

(Respostas na página 13)

Guerra
de
Nervos
Na
Aquática
Sul-
Amep.-
cana



Paulo Sabóia, Julio Arthur e Sergio Rodrigues, três grandes valores em nossa equipe masculina de nado livre



"A crônica argentina começou a se preocupar seriamente com o próximo Campeonato Sul-Americano de Nataçãõ, preocupação esta muito natural devido às grandes possibilidades que a já tão poderosa equipe do Prata apresenta para vencer este cotejo e arrebatãr do Brasil o honroso título de campeão sul-americano e detentor da "Copa América".

Interessante é ainda observar que os cronistas portenhos dão a entender que os brasileiros querem mover contra a aquática argentina uma verdadeira guerra de nervos, consistindo em dar publicidade à realização por parte dos nadadores nacionais de tempos fantásticos!... Como é natural, o conhecimento de tais tempos poderia causar desânimo a nadadores em período de ascensão ou ainda inexperientes... Para tal baseiam-se no fato de ter sido dado conhecimento a um tempo considerado fantástico realizado por Paulo Fonseca e Silva, o nosso consagrado campeão e recordista sul-americano das provas de costas. A publicação foi levada a efeito por um jornalista, naturalmente ligado à piscina do Fluminense, onde numa tarde, Paulinho conseguiu em treino 1'07"7. Esta "performance" apresenta todos os característicos de um resultado internacional sendo

mesmo o 4.º tempõ do mundo na distancia, e os nossos amigos do Prata acham que foi apenas anunciado para desanimãr na sua carreira ascendente aos seus espaldistas Neumayer e Mario Chaves, que já chegaram ao 1'09".

Houve realmente uma notícia muito mal dada, mas não foi a anterior e sim a de que Sergio Rodrigues e Eduardo Alijó já tinham conseguido 2'14" para os 200 metros. Ai sim é que o cronista naturalmente quis prever a possibilidade dos nossos 2 nadadores conseguirem aquelas marcas até a data do Campeonato, o que aliás não se apresenta nada facil.

Os argentinos comparam esta notícia, no efeito que ela possa exercer, com o mesmo que aconteceria no Brasil se fosse anunciado um 57" de Yantorno, e terminam saindo de sua linha para anunciar que os seus nadadores não temem a passagem da piscina de 25 metros para uma de 50, quando se sabe que nós tambem não tememos porque durante o ano competimos muito em piscina de 50 metros. Acreditamos e respeitamos o valor da atual equipe portenha, sabemos que as suas possibilidades aumentaram ainda mais com os últimos resultados obtidos em sua nataçãõ feminina e longe de nós ter a certeza de uma vitória, que se apresenta difficil. Entretanto, nós, que há uns seis me-

Celia Brasil, ainda infãnto-juvenil e que será chamada a integrar a equipe brasileira ao sul-americano de nataçãõ

Teríamos maior chance se o Campeonato fosse realizado na Piscina do Pacaembú



Na piscina do Guanabara os três rivais e amigos treinam diariamente para o próximo certame continental

ses não poderíamos nem pensar em concorrer com êxito, temos a felicidade de saber que somos adversários serios e mais ainda, que temos uma pequena chance, muito acanhada, é verdade, mas não impossível de conseguir o triunfo. Podemos afirmar que já nos sentimos satisfeitos, porque conseguimos fazer a natação abandonar o marasmo em que se arrastava, e formar uma equipe como nunca possuímos, com tão grande número de valores e todos tão jovens. Se perdemos este Campeonato, podemos marchar confiantes para o próximo, pois nossa chance de vitória será bem maior.

Se houvesse unidade de comando na equipe brasileira, se pudéssemos ter toda a comodidade necessária para o preparo de nossa equipe, uma equipe para "explodir", uma equipe tinindo em apuro técnico e em unidade, se todas as condições fossem preparadas para facilitar certas vantagens para nossa turma, "como seria a realização do Campeonato na Piscina do Pacaembú", tenho a certeza de que o Brasil poderia ter mais chance. Entretanto, enquanto os nossos clubes sabem ter equipes para competir com suas formações fortificadas em unidade e técnica, onde todos os nadadores são tratados com o conforto moral e técnico que necessitam, as nossas equipes nacionais são prejudicadas pela grande quantidade de elementos, que sem se saber porque e como são chamados para resolver assuntos nos quais não estão enfiados e nem querem se enfiar. Tal é o caso da nossa natação atualmente, em relação ao Sul-Americano. Muita gente ouvida, nada se fazendo e é uma pena, porque os nadadores estão como se diz na gíria "metendo os peitos" no treinamento.

Quanto cartola...

LUIZ TRUDGEON

PASTA DENTIFRÍCIA S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO PARA
HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

A Escalação Da Equipe Brasileira

Com a participação do Fluminense, Guanabara, Icarai, Botafogo e Tijuca, do Rio; E. C. Pinheiro, Tietê, Floresta e Soc. Recreio Ribeirão Preto, de São Paulo, e Minas Tennis Clube e América F. C., de Minas, será realizada, amanhã e domingo, nesta capital, a quarta competição em disputa do Troféu Benedito Valadares.

DECISIVO PARA A ESCALAÇÃO DA EQUIPE BRASILEIRA

As provas de 100, 400, 1.500, nado livre, 100 e 200, de costas, e 200, de peito, para homens, bem como as de 100 e 200, nado livre, 100 e 200, nado de costas e de peito, para moças, terão efeito quase decisivo para a escalação da turma para o próximo campeonato sul-americano, que deve ser realizado nesta capital, de 6 a 14 de abril. Serão escalados três efetivos e dois reservas por prova.

O PROGRAMA DE SABADO E DOMINGO

Programa das duas partes, no dia 16, sábado, e 17, domingo, com início às 16 horas:

Dia 16 (sábado): 1ª prova — Homens — 4x100 metros, nado livre. 2ª prova — Moças — 200 metros, nado de costas. 3ª prova — Homens — 400 metros, nado de peito. 4ª prova — Homens — 100 metros, nado de costas. 5ª prova — Moças — 200 metros, nado de peito. 6ª prova — Homens — 400 metros, nado livre. 7ª prova — Moças — 200 metros, nado livre.

Dia 17 (domingo): 1ª prova — Homens — 100 metros, nado livre. 2ª prova — Moças — 100 metros, nado livre. 3ª prova — Homens — 1.500 metros, nado livre. 4ª prova — Moças — 100 metros, nado de costas. 5ª prova — Homens — 200 metros, nado de costas. 6ª prova — Moças — 100 metros, nado de peito. 7ª prova — Homens — 200 metros, nado de peito. 8ª prova — Moças — 4x100 metros, nado livre. 8ª prova — Homens — 4x200 metros, nado livre.

ENTRADA — Custará Cr\$ 5,00 o ingresso por pessoa, em cada dia.

"TEST" ESPORTIVO

- 1 D) Dois anos
- 2 A) Peso leve
- 3 B) Bastos Padilha
- 4 D) Muro de Spá.
- 5 A) D
- 6 D) Vasco da Gama
- 7 B) 1933

Da Gavea à Cidade Jardim o G. P. 16 de Março

Com exceção das provas eliminatórias dos potros da turma de 1946, que vêm sendo regularmente disputadas no Hipódromo da Gavea, nossos programas não têm oferecido maiores atrações. O calor excessivo que se tem feito sentir e o desenrolar da temporada clássica do turf bandeirante, têm concorrido para a pobreza das nossas reuniões.

Nestes últimos dias, isto é, na quinzena que estamos vivendo, os fatos que mais agitaram nossos meios carreiristas foram a injustificável suspensão do honesto treinador Sabbatino d'Amore e a complacência do órgão técnico do Jockey Club para com as suspeitíssimas "performances" de Latente, Maraneho, Minucia e Manopla. Fora a chocante atitude dos senhores comissários de Corridas, no julgamento do "caso" Editor e nos dos animais acima citados, tudo mais tem transcorrido num ambiente de completo desinteresse. Salvando os programas de amanhã e de domingo, mais duas eliminatórias serão disputadas, sendo a das potranças na sabatina e a dos potros na dominguetra.

NO HIPÓDROMO DE CIDADE JARDIM, G. P. "14 DE MARÇO"

Enriquecendo o programa que depois de amanhã será cumprido no Hipódromo de Cidade Jardim, será disputado o Grande Premio "14 de Março", na distancia de 2.200 metros, com a dotação de Cr\$ 100.000,00. Esta prova clássica, está ligada a fundação da grande entidade turfista de São Paulo. E, por isso mesmo, uma das mais expressivas do calendário turfista do Jockey Club bandeirante. Este ano seu campo se apresenta rico de valores, pois estão alistados na grande competição os maiores "cracks" que se encontram em nosso país e que darão ao público carreirista de São Paulo, uma idéia de suas possibilidades na disputa do Grande Premio "São Paulo", a maior prova do turf bandeirante a ser corrida no dia 7 de abril próximo.

CAMPO E MONTARIAS PROVÁVEIS DO G. P. "14 DE MARÇO"

Segundo as informações da imprensa turfista bandeirante estão assentadas as seguintes montarias para os concorrentes desse prova:

SECRETO, D. Ferreira, 57 quilos; DANTE, G. Costa, 57 quilos; MIRON, P. Vaz, 54 quilos; BRITON, N. Pereira, 57 quilos; EVER READY, L. Gonzalez, 55 quilos; BONDADOSO, A. Altran, 57 quilos; DOMINO, R. Zamudio, 57 quilos; DARBOLITO, R. Olguin, 53 quilos; HORUS, Montanha, 51 quilos.

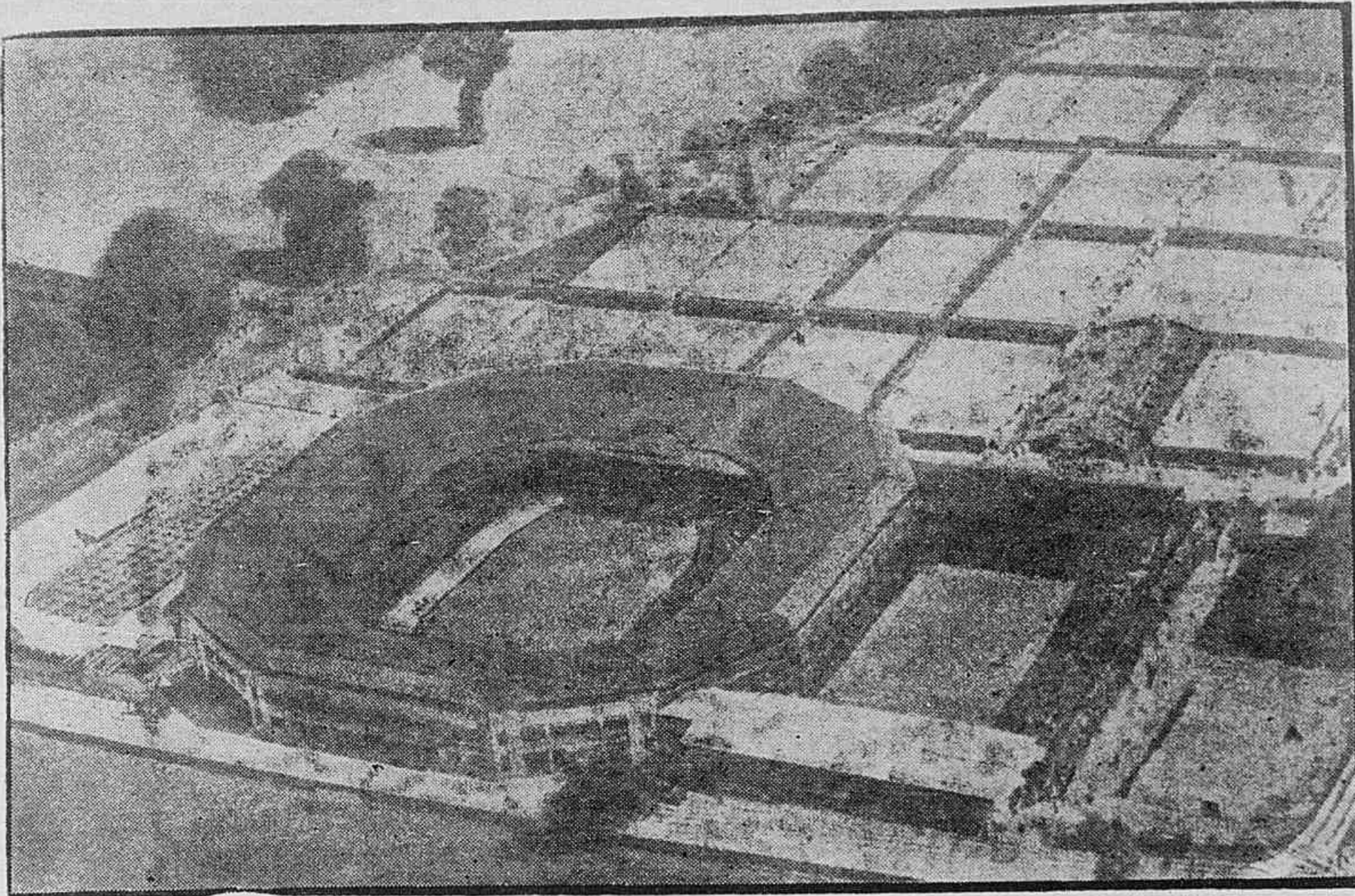
Com a disputa dessa tradicional prova clássica, o público turfista de São Paulo terá a sensacional oportunidade de assistir a estréia do "crack" Miron, ganhador este ano do G. P. "Ramirez", em Montevideu, e o reaparecimento do extraordinário Secreto, que secundou o fenomenal Filón no G. P. "Brasil" do ano passado, e o do "crack" nacional Ever Ready, que vem de um período de cura, ostentando magnífico estado.

E, pois, justificado o entusiasmo dos carreiristas bandeirantes pela realização dessa carreira, que antecede de poucos dias, a disputa do Grande Premio "São Paulo", competição máxima do turf paulistano.

Se Não Sabe...

- 1 — General Julio Roca, em 1913.
- 2 — 1922.
- 3 — 1938. Copa do Mundo.
- 4 — 71 centímetros.
- 5 — 68 centímetros.

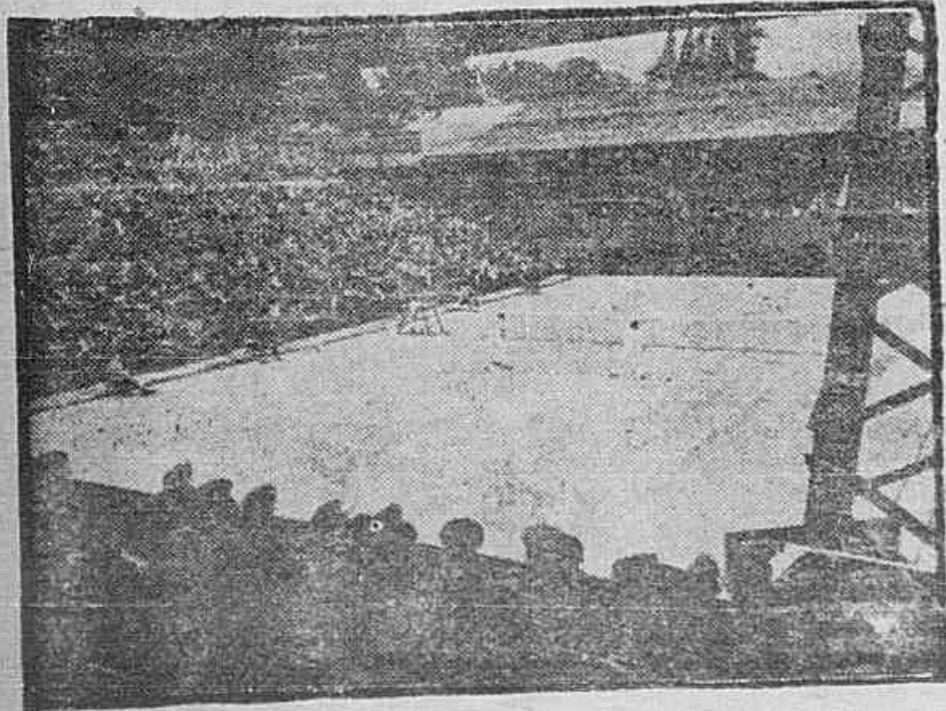
Wimbledon reunirá em breve o tennis mundial



A quadra central de Wimbledon, vista de avião



A equipe australiana, vencedora da última Copa Davis. Os seus componentes são: Jack Crawford, Adrian Quist, John Bromwich e Harry Hopman



A primeira competição realizada após a guerra

A negativa da Associação Argentina de Tennis de concorrer à "Copa Davis", motivou os mais diversos e descontraídos comentários.

A maioria foi contrária, atacando o argumento pouco verdadeiro de que faltaria às raquetes platinas "chance" em cotejos dessa natureza e de tal projeção, enfim.

Isso poderia dar a entender que os representantes portenhos somente estariam presentes naqueles certames em que a vitória estivesse previamente assegurada.

O certo, porém, é que a Argentina, não concorrerá à "Copa Davis" e lamentamos muito pelo fundamento que motivará a ausência, principalmente quando entendemos que a mesma resultaria num enorme benefício, se o encarasse como um campeonato que se anuncia para a temporada próxima e que tem mais do que um simples emblema do tennis mundial, mas veio demonstrar que com ansiosa volta à normalidade, vivemos hoje na feliz época da pré-guerra. Nos referimos a Wimbledon.

Vemos em que se difere um de outro campeonato e porque nos inclinamos para o clássico cenário inglês.

A "Copa Davis" produz duas alternativas e não admite uma terceira. Ganha-se ou perde-se sem que hajam maiores situações. E, nos outros, o tennis argentino, embora não esteja honestamente habilitado para ambicionar o triunfo, deve concorrer de preferência a estes compromissos, nos quais os conhecimentos adquiridos, significam a mais apreciável conquista e isto não se consegue em absoluto com a Copa, que com legítimo orgulho guardam em sua casa os australianos à espera da equipe vencedora das interzonas, a fim de defendê-la com todas as suas forças.

Tratemos de justificar esta opinião com a razão que fala alto na questão. Concorreram os argentinos, pela primeira vez a esta Copa, no ano de 1923, defrontando os suecos, que atuavam como locais.

Caminos, Boyd, Villegas e Robson caíram eliminados com quatro derrotas e um triunfo, e tiveram que retornar sem o benefício que produzem estas viagens, pois os "grandes" do Mundo, não haviam desfilado sob os seus olhos na Suíça.

No ano seguinte cederam os argentinos os pontos à África do Sul, porquanto nesta festa, o conjunto sul-americano que vinha de intervir nos Jogos Olímpicos de Paris, tinha um inadiável compromisso pela "Copa Mitre".

No ano imediato, em 25, alturam em Barcelona contra os húngaros, a quem eliminaram por intermédio de Kohsen e Obarrio, mas perderam em peles contra os espanhóis, por três encontros a um.

Vde a pena dizer, entretanto, que os argentinos tiveram que entregar as passagens de volta aos húngaros e os espanhóis foram despachados a Buenos Aires, sem que, nem sequer por direito de jogo, pudessem ser, no menos, espectadores dos "grandes" jogos.

Depois de um breve intervalo voltaram a "Davis", no ano de 28 e atuaram contra os ingleses, na localidade de Torquay (Inglaterra), aonde com Robson e Boyd triunfaram em um dos cinco encontros programados, resultado que roubou as nossas ambições de atuar numa segunda rodada, que houvesse significado outra viagem e novos encontros.

Assim, até o ano de 31, em que com a modificação do regulamento, intervieram, previamente, na zona sul-americana, em que triunfaram amplamente, eliminando o conjunto paraguaio em Assunção, ao uruguaio em Buenos Aires, ao chileno em Santiago, adquirindo em consequência, o direito de ser finalistas de zona o que obrigou a equipe argentina a viajar até aos Estados Unidos, onde perdeu os cinco encontros sem nem sequer ver o que se passava pelo resto do mundo.

Dentro dessas alternativas, intervieram no ano de 1933 e dois mais tarde, com a dupla Lucilo Del Castillo e Adriano Zappa, com a qual conseguiram eliminar o conjunto grego, na primeira rodada, deixando o Torneio ante a derrota que lhes infligiram os alemães.

Não queremos justificar com isto que a derrota seja um motivo de afastamento, mas sim de que, paralelamente a ela, deve cair sem maiores discussões a equipe que na "Copa Davis" aparece em forma muito fraca. Além disso não tem este certame uma centralização, não se disputa todo este torneio num só lugar, e se realiza uma grande viagem para praticamente nada se ver.

Muito diverso é o processo do Torneio de Wimbledon onde, se bem que o mesmo seja regido também pelo sistema de eliminatoria, o participante, além de um jogador é também um espectador, vive todas as alternativas das lutas que sustentam os ases mais classificados do mundo. A Argentina mandou a esse torneio, em sua última realização, Alejo Russel, que, além de aparecer nos torneios de "singles" e "duplas mistas", onde caiu, mesmo derrotado, pôde seguir das arquibancadas as alternativas dos jogos desenrolados por Budge, Mako, Borotra, Austin, Brugnon, Menzel, Henkel, Von Metaxa e as divinas Alice Marble, Anita Lizana, Sara Fabyan e outras com menores merecimentos. Vale dizer, toda uma festa cheia de bom tennis, vantagem desta competição, e que não oferece a "Copa Davis".

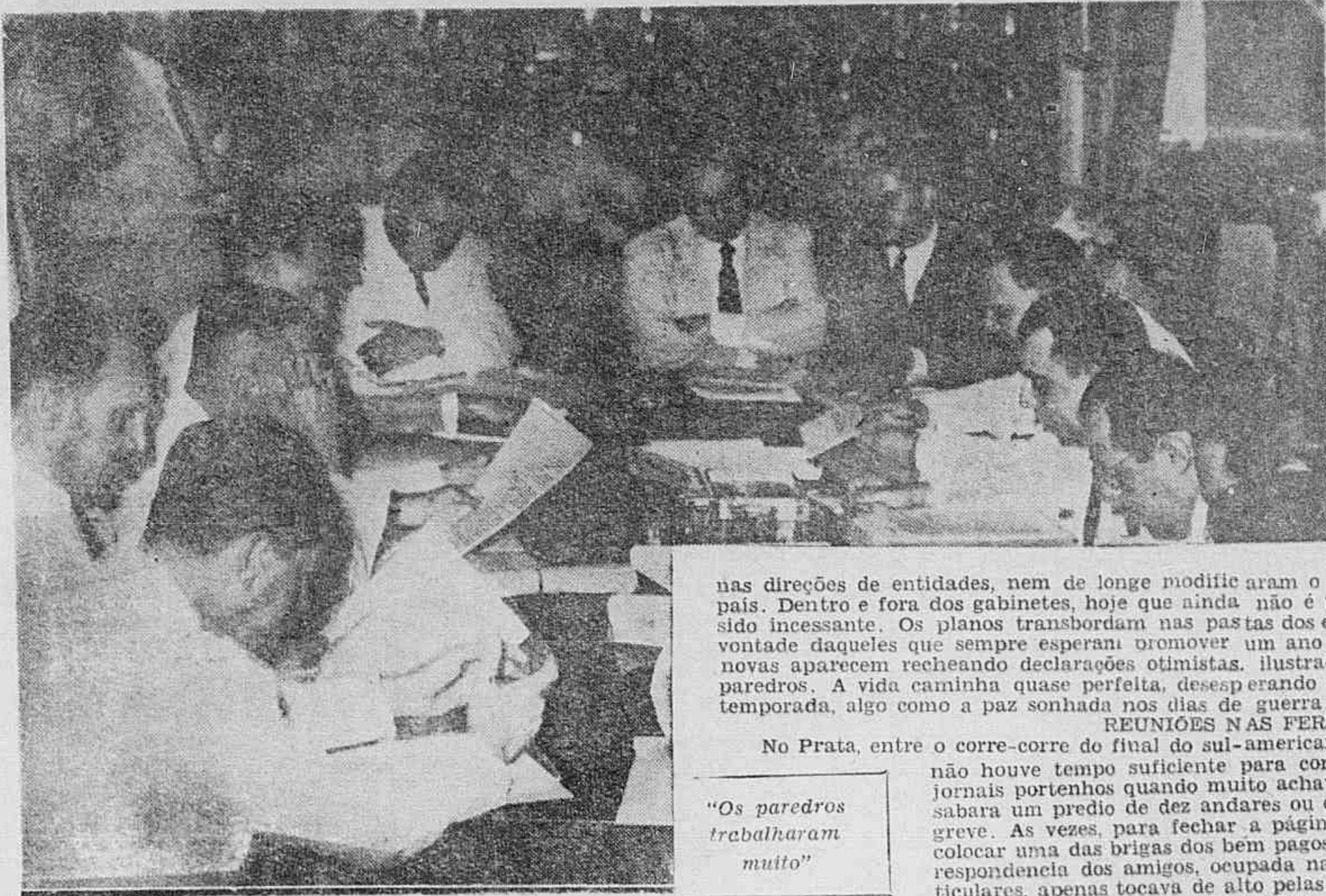
Por isto entendemos e aceitamos que a razão exposta para não estar presentes na "Copa Davis", não pode ser válida para Wimbledon, onde os sul-americanos devem concorrer, embora saibamos que não devemos disputar com antecedência, nem tão pouco vencer, mas sim que voltaremos com algo que lá adquiriremos e que valerá como um verdadeiro triunfo: o maior conhecimento de certos segredos do tennis. Vamos para aprender e para tal, nos convém acorrer aqueles lugares, onde seja possível encontrar reunida a maior quantidade de mestres da raquete.

Para os futuros ases é que mais se anunciam os Torneios de Wimbledon. A dilatada inatividade por motivos forçados, demonstrara ainda a existência de bom tennis e as tradicionais "cauchas" inglesas serão centros das maiores aspirações e algo assim, também, como uma Universidade deste desporto. É de imaginar-se a enorme expectativa, que despertou um anúncio que assim chamaremos "a volta de Wimbledon". E há muitas "raquetes" famosas que estão se adextrando. Na América do Norte, por exemplo, têm havido atualmente revelações mui promissoras.

O FOOTBALL CARIOCA DE 46

OUTRAS REUNIÕES VIRÃO...

De RICARDO SERRAN



nas direções de entidades, nem de longe modificaram o ritmo da vida futebolística da capital do país. Dentro e fora dos gabinetes, hoje que ainda não é possível falar em campo, a atividade tem sido incessante. Os planos transbordam nas pastas dos eternos idealistas, formando a parte de boa vontade daqueles que sempre esperam promover um ano feliz para o desporto. As frases feitas ou novas aparecem recheando declarações otimistas, ilustradas pelos sorrisos dos sempre animados paredros. A vida caminha quase perfeita, desesperando os pessimistas. Atmosfera de início de temporada, algo como a paz sonhada nos dias de guerra.

REUNIÕES NAS FERIAS

No Prata, entre o corre-corre do final do sul-americano extra e o corre-corre da luta política, não houve tempo suficiente para conhecer a agitação no setor esportivo. Os jornais portenhos quando muito achavam um lugar pequeno para dizer que des-sabara um prédio de dez andares ou que os chauffeurs e bancários estavam em greve. As vezes, para fechar a página, encontravam um modesto espaço para colocar uma das brigas dos bem pagos constituintes. Nada de football. E a correspondência dos amigos, ocupada na sua maior parte em abordar temas particulares, apenas tocava de alto pelas atividades do desporto. Na volta, contudo, não foi difícil fazer a reconstituição. As coleções dos jornais, verdadeira caixa de revelações, possibilitou a retomada da convivência com os assuntos do dia a dia. Lá estavam dezenas de notas, ilustradas com clichés de senhores circunspetos em torno da indefectível mesa. Nas férias proporcionadas pela "Copa Rio Branco" e o Sul-Americano Extra de Buenos Aires, os paredros trabalharam a valer. Os problemas analisados em sessões sem fim, discursando-se muito para a apresentação de sugestões.

DEVE HAVER ALGO EM SEGREDO

Os paredros, como tivemos ocasião de constatar e registrar acima, trabalharam muito. Basta atentar para o ar de fadiga que apresentavam as suas fisionomias em inúmeras fotos de primeiro plano. Os assuntos eram sem conta, urgindo as soluções. Foi traçado um programa de realizações cem por cento interessante. Não o vimos em letra de forma, mas fomos levados a tal conclusão pelo esforço que, por certo, desenvolveram tantas energias voltadas para o objetivo único. De qualquer maneira não parece que a cansaça tenha sido em vão, já que valeu pelo menos a publicidade feita. Infelizmente, porém, nem tudo chegou a vir a público. O segredo continua sendo a alma do negócio e talvez a experiência do excesso de propaganda de certos planos fracassados, tenha obrigado o misterio. Assim concluímos porque não vamos pensar que o aprovado na série de reuniões já experimente os reveses a que assistimos.

RELÂMPAGOS...

Os poetas da atividade ininterrupta dos clubes não saíram do terreno dos sonhos. Voltam-se para o Torneio Relâmpago como a marca número um do programa de jogos por todo o ano. Os fatos, porém, brigam com a ilusão. O certame está para ser iniciado e pode-se afirmar que a maioria dos concorrentes nem pensa em participar a sério da competição. Os cracks tricolores gozam justas férias, após uma excursão de varios meses pelo norte do país. O Flamengo acaba de conquistar o direito de ir a Baía, garantindo os lucros de uma excursão. Para os seus compromissos mais serios do torneio formará com os suplentes dos reservas, os aspirantes. Os outros, para evitar surpresas, não pensam em lançar mão dos titulares. Prevenindo o inesperado preferirão a comodidade de utilizar quadros mistos. O relâmpago, assim, não passará de uma modesta farsa de curto circuito em ferro de engomar.

DEPOIS O MUNICIPAL

Em vinte dias estará terminado o torneio e novo descanso. Terminado o período de repouso (de que? — indagam os fans curiosos), então chegará a vez do Municipal. Aumentará o número de figurantes, mas a peça terá o mesmo enredo, apenas com o título trocado. Através nove domingos e sábados de antecipações, estará terminado o ato número dois. Uma semana de férias compensadoras e o certame oficial da cidade. A programação terá atingido o seu ponto alto. Dois turnos e os protagonistas com roupagens novas. Ai não faltará assunto. Já é facil adivinhar que os juizes serão responsáveis pelos enganos dos dirigentes e técnicos; justamente eles tão sobrecarregados com os seus proprios erros.

E....

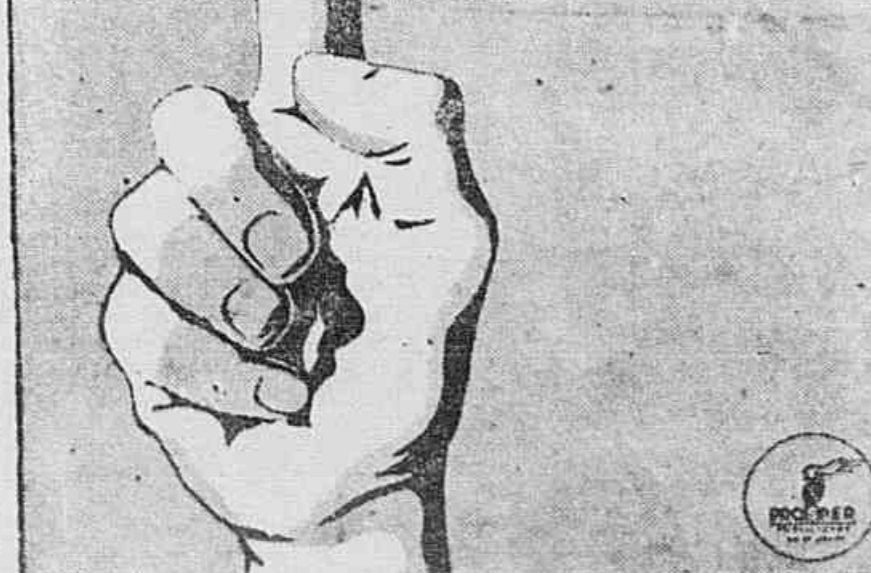
... outras reuniões virão. Naturalmente o tom de voz sofrerá alteração, na troca de palavras entre paredros. A ameaça, tão ao hábito deste mundo de após guerra, estará presente. Algum team tentará abandonar o campo; algum clube prometerá encerrar as suas atividades no setor profissional. Nas rodadas finais as acusações ocuparão precioso espaço nos jornais, facilitando a subida para a fama de determinados adeptos do sensacionalismo. Tudo muito divertido. Apenas continuaremos fazendo pouco do que se pode chamar de football. E, e verdade também, pode não acontecer a previsão. Embora os acontecimentos tenham em querer fazer crer assim, não é impossível a surpresa. Afinal o nosso football já está em idade de criar juizo. Mas sem pessimismo sera mesmo uma surpresa, das grandes.

"Os paredros trabalharam muito"

LOTERIA FEDERAL

MILHÃO

DE CRUZEIROS



SÁBADO 23



**PARA O SUL AMERICANO
DE NATAÇÃO**